



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA SAMAIA FERREIRA BELO

CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DA EDUCAÇÃO POPULAR
À FORMAÇÃO DE GESTORES ESCOLARES NA PERSPECTIVA DA GESTÃO
DEMOCRÁTICA

JOÃO PESSOA

2021

MARIA SAMAIA FERREIRA BELO

CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DA EDUCAÇÃO POPULAR
À FORMAÇÃO DE GESTORES ESCOLARES NA PERSPECTIVA DA GESTÃO
DEMOCRÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Curso de Licenciatura em Pedagogia, do
Centro de Educação, da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Graduação em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda Alcantara

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B452c Belo, Maria Samaia Ferreira.

Contribuições da extensão universitária e da educação popular à formação de gestores escolares na perspectiva da gestão democrática / Maria Samaia Ferreira Belo. - João Pessoa, 2021.
69f.

Orientação: Marcos Angelus Miranda Alcantara.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Extensão universitária. 2. Educação popular. 3. Gestão democrática. I. Alcantara, Marcos Angelus Miranda. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.018.8(043.2)

MARIA SAMAIA FERREIRA BELO

CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO
POPULAR À FORMAÇÃO DE GESTORES ESCOLARES NA PERSPECTIVA
DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Licenciatura em
Pedagogia, do Centro de Educação, da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do
título de Graduação em Pedagogia.

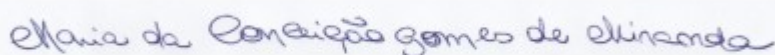
Aprovado em 09 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara
Universidade Federal da Paraíba
CE/DHP - SIAPE 3054964

Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara
DHP/CE/UFPB
Orientador



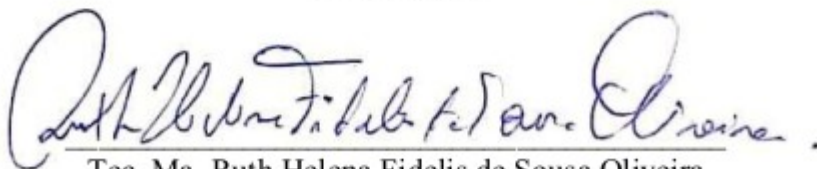
Maria da Conceição Gomes de Miranda

Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda
DME/CE/UFPB
Examinadora



Denise Xavier Torres

Profa. Dra. Denise Xavier Torres
CDSA/UFCG
Examinadora



Tec. Ma. Ruth Helena Fidelis de Sousa Oliveira

Tec. Ma. Ruth Helena Fidelis de Sousa Oliveira
CAVN/UFPB
Examinadora

“Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o Senhor determina os seus passos” (Provérbios 16:9).

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus por ter me dado o dom da vida e à Nossa Senhora por interceder por minha família junto ao seu filho unigênito Jesus Cristo. Peço a Deus sabedoria para que eu possa dividir essa conquista com todos que fazem parte da minha vida, como também com aqueles que possam vir a fazer parte da minha caminhada.

Agradeço aos meus pais Joaquim Belo e Oselita Ferreira por todos os ensinamentos que poderiam ter me dado, principalmente o de amar ao próximo, reverberando, em nossa família, e por nos mostrar a importância de sempre estarmos perto uns dos outros, mesmo estando distante geograficamente.

Aos meus avós paternos Damião Belo e Maria de Lourdes, como também aos meus avós maternos Sebastião Alves e Maria Ferreira (*in memoriam*) por nos amarem e sempre dar aquele aconchego aos seus netos(as) que só os avós sabem proporcionar.

Não posso deixar de fora as minhas tias e tios, primas e primos, sobrinhos e sobrinhas que fazem parte da minha história.

Aos meus maiores tesouros que são os meus três filhos: o meu primeiro amor, Sabrina Ferreira Felix; em seguida, meu príncipe Nicolas Joaquim Belo; e minha princesa Nicole Belo, milagre de Deus em nossas vidas.

Aos meus irmãos: Ítalo Madson, Tatiana Michele, Paula Maria, Rouse Maria, e Jefferson Ferreira por me aturarem e me amarem do jeitinho que sou.

Ao meu companheiro Thiago Nascimento, que está comigo em todos os momentos da minha vida, tendo a certeza que somos a base um do outro, na qual somos parceiros, amigos. Dedico todo carinho e meu amor.

Às amigas de longa data Ziza Maia, Albanita Maria, Elzinha Lira, Laiane Libone, Nelly Cristine e, Flávia Maria.

A minha turma do Curso de Pedagogia, por estarem comigo, mesmo quando eu tomava todo o tempo delas(es) nas apresentações dos seminários. Em especial Rosemary, Maria da Conceição (Ceicinha), Elisângela e Homero. Esse grupo foi muito especial na minha caminhada, chegamos até a ter um nome: “Mangabacity”.

Ao grupo de orientação de TCC que, mesmo em contexto pandêmico, nos reuníamos todas as quintas-feiras: Cecília, Josileide, Andreza, Kris, Jhuly, Felipe.

Aos participantes do curso de extensão do FOGEP, em especial, às cinco entrevistadas que, por questões de sigilo, não posso nomeá-los(as), mas agradeço imensamente por terem contribuído com a minha pesquisa acadêmica.

À Raquel Alcantara por estar ao nosso lado, não só no curso de formação como também em nossas vidas.

A todos que fazem parte da minha caminhada, compadres, comadres, amigas(os) que ganhei quando trabalhei na rede de Supermercados Bemais, em especial aos amigos Venâncio; Flávio, Adilene, Ninha, Shirleny, Ana Paula, Bruno, Joelson, como também aos que trabalham comigo atualmente na Gerência Executiva de Ressocialização: João Rosas, Leilane, Julyeni, Priscila, Amália Formiga, Reginaldo, Ely Harley, Anne, Raquel, Denize.

Não posso deixar de falar de uma pessoa muito especial, que teve o seu retorno à Universidade Federal da Paraíba como professor, assumindo assim a nossa turma em Gestão Educacional e também a de Estágio em Gestão, sendo hoje o meu orientador: Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara. O agradecimento é, em especial, devido a esse olhar humanizado e integrador. Agradeço ao professor Dr. Marcos Angelus por estar ao meu lado em todos os momentos em que pensei que não conseguiria, dando força e com toda a sua calma mostrando que tudo daria certo. Muito obrigada! Grata por todo o cuidado e paciência e, por me manter firme. Saiba que o tenho como referência, assim como há muitos anos atrás tive o professor de Educação Física, o meu querido prof. João Rodrigues.

Ademais, quero agradecer a alguns docentes do Centro de Educação da UFPB, sendo eles(as): Maria Aparecida Nunes Pereira, Jeane Félix, Luiz Sousa Junior (*In memoriam*), Erenildo João Carlos, Alexandre Macedo Pereira, Quézia Vila Flor, Iranete, Luciano e Vinicius.

Por fim, agradeço à banca examinadora por ter aceito ler meu trabalho, avaliar e contribuir com seu aprimoramento: Maria da Conceição Gomes de Miranda, Denise Xavier Torres, Ruth Helena Fidelis de Sousa Oliveira.

RESUMO

A pesquisa que deu origem a este Trabalho de Conclusão de Curso ganhou corpo a partir das vivências na Extensão Universitária. O presente trabalho tem por objeto de pesquisa as contribuições da educação popular, no âmbito da extensão universitária, para a formação de gestores escolares, em uma perspectiva da gestão democrática. Optamos por uma abordagem teórico-metodológica de caráter fenomenológico de natureza qualitativa, tendo um projeto de extensão universitária como estudo de caso. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada com 3(três) questões abertas, aplicada através do grupo focal com a participação de 5(cinco) entrevistadas, sendo todas participantes do curso de Formação de Gestores em Educação Popular-FOGEP. Essa ação resultou em uma formação aos gestores escolares na perspectiva da Educação Popular. A análise teórica levou em conta as contribuições de Freire (1983), Alcantara e Carlos (2018), Scocuglia (1999), Gil (1999), Godoy (1995), Pimenta (1999), Pimenta; Lima (2005-2006), Bardin (1977), Luck (1997); Luck (2011); Cruz (2011), Vasconcelos (2011). No universo acadêmico dialogamos com dois TCCs: Santos (2018), Bezerra (2019). No que se refere aos documentos consultados, acessamos a Constituição Federal de 1988, a LDB (1996) e Forproex (2012). Ao final concluímos que a Extensão Universitária, ao proporcionar espaços de formação à comunidade externa, fomenta a qualificação de profissionais de forma significativa, visto que a relevância dessa inter-relação acerca do processo formativo, através da extensão, evidencia o quão se fazem importantes as ações voltadas à formação de gestores educacionais frente às demandas sociais.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Educação Popular, Gestão Democrática, Formação de Gestores Escolares.

ABSTRACT

The research that gave rise to this Course Completion Work took shape from the experiences in the University Extension. The present work has research object the contributions of popular education, the scope of university extension, to the training of school managers, in a perspective of democratic management. We opted for a theoretical-methodological approach of a phenomenological character of qualitative nature, having a university extension project as a case study. For collection, a semi-structured interview with 3 (three) open questions was carried out, applied through the focus group with the participation of 5 (five) interviewees, all of whom were participants of the Training of Managers in Popular Education course-FOGEP. This action resulted in training for school managers from the perspective of Popular Education. The theoretical analysis took into account the contributions of Freire (1983), Alcantara and Carlos (2018), Scocuglia (1999), Gil (1999), Godoy (1995), Pimenta (1999), Pimenta; Lima (2005-2006), Bardin (1977), Luck (1997); Luck (2011); Cruz (2011), Vasconcelos (2011). In the academic universe, dialogue with two TCCs: Santos (2018), Bezerra (2019). Regarding the documents consulted, accessed the Federal Constitution of 1988, the LDB (1996) and Forproex (2012). In end, we conclude that the University Extension, by providing training spaces to the external community, promotes the qualification of professionals in a significant way, since the relevance of this interrelation about the training process, through the extension, shows how important the actions aimed at training educational managers in front of social demands.

Keywords: University Extension, Popular Education, Democratic Management, Training of School Managers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 A IMPORTÂNCIA DE ANALISAR A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DE GESTORES ESCOLARES.....	11
1.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO LUGAR DE FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA.....	19
 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR EM UMA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA.....	29
2.1 A EDUCAÇÃO POPULAR E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	29
2.2 A GESTÃO EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO ELEMENTO FORMATIVO.....	32
2.3 A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR (FOGEP) NO ÂMBITO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	36
 3 FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR (FOGEP) EM QUESTÃO...40	
3.1 PRIMEIRO CONTATO DOS CURSISTAS COM TEMÁTICAS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA E DA EDUCAÇÃO POPULAR.....	40
3.2 CONTRIBUIÇÕES DO FOGEP À AMPLIAÇÃO DO ENTENDIMENTO SOBRE GESTÃO EDUCACIONAL.....	44
3.3 CONTRIBUIÇÕES DO FOGEP PARA A PARTICIPAÇÃO DOS CURSISTAS NA GESTÃO ESCOLAR.....	47
 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
 REFERÊNCIAS.....	54
 APÊNDICE.....	61
Transcrição da entrevista – GRUPO FOCAL – FOGEP.....	61

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar na extensão alguns espaços de emergência das contribuições da educação popular para a formação de gestores escolares em uma perspectiva da gestão democrática. Nesse sentido, buscamos analisar como se dá a relação entre educação popular gestão democrática. Procuramos também refletir de que modo a gestão democrática na perspectiva da educação popular colabora com a práxis pedagógica reflexiva na formação de gestores educacionais. Finalmente, buscamos avaliar como as ações da extensão universitária (do Curso de Formação de Gestores em Educação Popular - FOGEP), puderam contribuir para a formação dos gestores escolares no prisma da gestão democrática. Esta pesquisa transitou de modo transversal pelos domínios da educação popular, gestão democrática, formação de gestores e extensão universitária, motivada pelas experiências vivenciadas, nas disciplinas em Gestão Educacional, Estágio em Gestão Educacional, como também a participação nos projetos de extensão. É na correlação entre essas temáticas e as experiências que o objeto deste projeto emergiu.

1.1 A IMPORTÂNCIA DE ANALISAR A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DE GESTORES ESCOLARES

Nasci no município de Patú/RN. Aos dois anos de idade vim com meus pais morar em João Pessoa. Moramos no Conjunto José Vieira Diniz no bairro do Jardim Veneza. Com o tempo viemos morar no bairro de Mangabeira I, onde comecei a trajetória nos estudos. Ao relembrar a caminhada nas séries iniciais, percebo a importância de ter sido alfabetizada por minha mãe. A me mesma ensinou a ler, escrever e calcular. Ela enxerga o conhecimento através da educação como um meio dos filhos conquistarem condições de vida que não reproduzam as limitações pelas quais passou.

No ensino fundamental, tive um professor de Educação Física que viu o meu potencial através do esporte. Levou-me para estudar em uma escola privada com uma bolsa de estudos. Em contrapartida, jogava futebol de salão pelo time da escola. Com sua postura contribuiu e direcionou a vida de muitos jovens da minha comunidade. Tenho a impressão que na escola pública ele tinha mais dedicação pelos alunos, pois sabia que lá estavam os mais vulneráveis à situações como fome, violência, pais analfabetos, drogas e pobreza.

Eu não sabia, nem compreendia que aquele professor, de algum modo, orientava sua prática educativa por princípios da educação popular. Sua postura como educador evidenciava empatia pelas classes populares. Ele buscava promover aprendizagem de uma forma que pudéssemos exercê-la de forma democrática, levando assim a uma transformação daquela realidade. Através da educação construí um novo ciclo de amizades. Fui apresentada ao teatro, ao cinema, às artes plásticas e à banda marcial. Passei a compreender a educação também através da cultura e isso foi abrindo um caminho de conhecimento. Ao finalizar o oitavo ano, fui estudar à noite na Escola Estadual Compositor Luiz Ramalho. Os professores faziam questão de ter seus alunos em sala de aula, e falavam da importância de cada um estar ali. Mesmo que muitos estivessem cansados depois de um dia inteiro de trabalho, insistiam sempre que aquele momento da aula deveria ser aproveitado para que pudéssemos fazer um vestibular e obtermos êxito. A realidade social a qual estava inserida, não me permitia vislumbrar o acesso ao ensino superior, por compreender que só os indivíduos da classe média ou alta tinham a oportunidade de entrar em uma universidade pública.

Não obstante às adversidades de quem é oriunda das classes populares, fui aprovada no então Processo Seletivo Seriado da UFPB. Fiz a opção por Ciências Econômicas no ano de 2003, no turno da manhã. Nessa passagem inicial pela Universidade, participei do movimento estudantil intensamente, sendo eleita por duas vezes como presidenta do Centro Acadêmico de Economia Janser Araújo, representante do Diretório Central dos Estudantes. Também participei como delegada no Congresso Nacional dos Estudantes (CONUNE). Tive a oportunidade de conhecer outras capitais brasileiras, e debater sobre um momento ímpar não somente em minha vida, como também para a sociedade, que foi sobre a implementação do Sistema de Cotas e pela defesa de um ensino público de qualidade. Participei também como representante dos estudantes nos Conselhos deliberativos da UFPB, como o Conselho Superior Universitário (CONSUNI) e o Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE). Embora essa passagem inicial pela Universidade tenha me dado a oportunidade de exercer a vivência com a política estudantil, não me identificava com o curso. Em meados de 2008 desisti.

Em 2011, ao ter uma aproximação com o ambiente escolar, dessa vez como auxiliar de secretaria, obtive uma experiência naquele espaço e com os sujeitos que ali estavam. Nesse novo contexto, observando a escola como um todo, tive o contato com os alunos, professores, coordenadoras entre outros. Passando assim, a ter uma aproximação com a dimensão de como seria o trabalho de um gestor escolar. Vale salientar que fiquei sem estudar por alguns anos, mas cultivava a vontade de estar no ambiente universitário, sendo assim, resolvi tentar e fui

aprovada no processo seletivo do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM para o curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2017.

No curso de Pedagogia venho vivendo uma experiência diferente da trajetória anterior em Ciências Econômicas. Percebo que a relação com essa nova caminhada vem sendo completamente diferente. Comecei o curso com todas as dificuldades possíveis quando se é do sexo feminino e tem família para dar de conta, como ter que trabalhar para contribuir com a renda familiar, por exemplo.

Essa experiência em Pedagogia está sendo diferente pois venho participando de eventos, simpósios, congressos referentes à educação, de modo que não passe na universidade alheia às vivências acadêmicas. Essa trajetória converge para a decisão pela temática da educação popular e pela gestão educacional em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Aos poucos fui relacionando algumas disciplinas que cursei como, por exemplo, Gestão Educacional e Estágio Supervisionado em Gestão Educacional, entre outras, podendo assim, ter aproximação com o espaço escolar. O mesmo se deu com a disciplina de Alfabetização de Jovens e Adultos, através da qual me aproximei mais da temática da Educação Popular. Destaco também os projetos de extensão, que estão contribuindo em minha formação.

Foi assim que, primeiramente participei como voluntária no PROBEX - CACs – Fundeb, por alguns meses.¹ Fui ouvinte em alguns encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia, Trabalho Educativo e Sociedade (GEPPTES)². Mas o fator preponderante que favoreceu a escolha do meu objeto de estudo foi a participação no projeto de extensão, direcionado à relação entre educação popular e gestão educacional. Mediante a vivência no *Projeto de Extensão Gestão Educacional e Educação Popular: a construção de uma proposta formativa para profissionais da educação básica na rede municipal e estadual de João Pessoa*, pude ter uma aproximação maior na elaboração de meu objeto.

Nesse projeto de extensão se sucederam algumas etapas para a estruturação do mesmo. Começamos pelo levantamento das produções acadêmicas nas linhas de pesquisa de Política Educacional e de Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB). Planejamos um curso de extensão alicerçado na organização das temáticas, na

1No ano de 2017 foi aprovado, no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PRAC, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, o Projeto de Extensão intitulado “Capacitação para Conselheiros do Conselho de Acompanhamento e Controle Social - CACS do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB” coordenado pelos professores Dra. Maria Aparecida Nunes Pereira, do DFE/CE/UFPB, e Dr. Luiz de Sousa Junior, do DHP/CE/UFPB. A proposta visava a formação dos Conselheiros do FUNDEB do município de Cabedelo-PB.

2O Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia, Trabalho Educativo e Sociedade (GEPPTES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Departamento de Habilitações Pedagógicas. Acesso: <https://gepptesufpb.wixsite.com/gepptes>.

escolha dos palestrantes e no planejamento das dinâmicas e oficinas a serem aplicadas. Por fim, tratamos de mapear as escolas da Educação Básica do município de João Pessoa, de modo a atingir o nosso público-alvo que são os profissionais que constituem a gestão escolar.

Nesse processo, observamos que existiam dados suficientes para estruturarmos um texto na área de Gestão Educacional e Educação Popular, de modo que pudéssemos participar do V Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo da Paraíba. Submetemos o artigo intitulado “A Educação do Campo como uma interface da formação de gestores escolares em uma perspectiva da educação Popular” com objetivo compartilhar uma reflexão sobre a Educação do Campo, a partir das ações extensionistas articuladas entre os projetos: Programa de Bolsas de Extensão-Probex/2019 e Programa de Licenciatura-Prolicen/2019.

Com a participação no Projeto PROBEX/2019 como voluntária, obtive a experiência na construção de uma proposta formativa em gestão educacional e educação popular para profissionais da educação básica, nas escolas da rede municipal e estadual na cidade de João Pessoa.

Atuei como bolsista PROLICEN, dando assim continuidade aos encontros semanais, no qual, consistia em tratarmos das ações estratégicas de mobilização e abordagem do público-alvo para a proposta formativa, permitindo assim construirmos essa ação integrada ao projeto Probex, consistiu, especificamente no desenvolvimento e criação de espaços virtuais de comunicação, por meio de um blog ³ e de redes sociais ⁴ para divulgação do Curso de Extensão.

Com essa proposta formativa a partir das ações na extensão universitária PROBEX/2019 e PROLICEN/2019, percebemos a necessidade de criarmos uma identidade para o nosso curso de extensão, sendo assim, em conjunto, criamos o FOGEP – Formação de Gestores em Educação Popular. Toda essa dinâmica, oportunizou o envolvimento dos discentes do Curso de Pedagogia da UFPB no processo de organização e viabilização do

³Trata-se de um instrumento de comunicação com os cursistas da extensão. Inicialmente serviu para a divulgação da proposta. Nele temos uma página inicial com todas as informações relativas ao curso, uma apresentação da proposta, a programação do curso com as indicações de leitura que os palestrantes, docentes e ministrantes fazem, as informações sobre os membros do grupo, a agenda de visita às escolas e um espaço para realização das pré-inscrições. Link para acesso do blog: <https://fogep.blogspot.com/>.

⁴Além do blog, esse é mais um canal de interação. Sua função é mais dinâmica e informativa. Ele nos permite estabelecermos uma rede de contato com outras propostas extensionistas da UFPB, outros Projetos Prolicen, estudantes, além do público externo à universidade. Nele registramos através de fotografias todas as ações do projeto, desde as visitas às escolas, nossas participações nos eventos da UFPB, a exemplo do ENID e do Seminário de Educação do Campo, além das atividades ocorridas aos sábados já em 2020, referente à execução do Curso de Extensão. Link para acesso: <https://www.instagram.com/fogep.ufpb/>.

Curso de extensão, como também na elaboração da proposta formativa. Fizemos um mapeamento no sentido de identificarmos os interessados em participar da atividade.

Chegamos à proposta de um Curso de Extensão, com encontros semanais aos sábados com a duração de 4h (quatro) horas. Na conclusão, os cursistas receberiam o certificado com carga horária de 60h (sessenta) horas, dividido em três módulos e organizado a partir de mesas redondas, oficinas, relatos de experiências e seminários. Dessa forma, chegamos aos seguintes conteúdos: Gestão da Educação Básica, Gestão Curricular e Gestão escolar em suas interfaces com a Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, Educação e Movimentos Sociais, Direitos Humanos, Relações de Gênero, Avaliação, Educação Popular em Saúde, Educação e Tecnologias e Arte-Educação.

Em decorrência disso, visitamos aproximadamente 60 escolas do município nos mais diversos bairros de João Pessoa, ao longo de 3(três) meses, nos turnos manhã, tarde e noite, tendo em vista a mobilização dos profissionais da educação básica interessados na proposta. Para realizarmos as visitas dividimos a equipe em grupos de 05 (cinco) pessoas. Apresentávamos nossa proposta do curso de formação para gestores escolares. Muitos participantes ficaram sabendo da formação apenas por conta dessas visitas.

Após a divulgação, foi aberta a pré-inscrição através do blog, onde abrimos 60 vagas. Desse modo, podemos traçar o perfil dos extensionistas, entre eles, tínhamos, por exemplo, professores, equipe técnica, diretor, assistente social, entre outros. Ao realizarmos a pré-inscrição, conseguimos identificar 240 pessoas interessadas em participar do curso.

As atividades do primeiro módulo ocorreram de forma presencial no Centro de Educação da UFPB. Em seguida para realização do segundo e terceiro módulos, tivemos que reformular a dinâmica do curso, visto que explodiu a pandemia do Covid-19. Desse modo, passamos a ter encontros semanais, mas de forma remota. Diante da pandemia COVID-19, conseguimos com êxito, finalizar a proposta da formação para gestores escolares na rede municipal, devido a utilização de algumas plataformas digitais, por exemplo, a plataforma Google Meet, como também Zoom.

Do ponto de vista acadêmico, a relevância deste projeto de pesquisa se evidencia quando, nas consultas realizadas ao repositório PPGE/UFPB, identificamos nas dissertações os seguintes subtemas relacionados à educação popular: Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Saúde Educação, Extensão Popular, Indígenas, Movimentos Sociais, Direitos Humanos, Violência de Gênero e Estado da Arte. Ou seja, não encontramos trabalhos que buscaram articular a educação popular com a gestão educacional.

Com relação aos trabalhos sobre EJA, Silva (2017) analisa o processo formativo inicial e continuado das educadoras da EJA no Projeto Sal da Terra (PST), desenvolvido na capital João Pessoa-PB; Alves (2017) analisou a relação de saberes nas práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir do uso do livro didático; Falcão (2017) buscou examinar o uso adequado do aparelho tecnológico celular na Educação de Jovens e Adultos; Alcantara (2018) por sua vez, tem como objeto o discurso sobre o uso pedagógico do desenho na Alfabetização de Jovens e Adultos.

No que diz respeito à Educação do Campo, Lima (2016) apresenta o Projeto Comunitário de Educação Popular – PROCEP, do Assentamento Baixio, como uma experiência de Educação Popular do Campo; Santos (2017) identificou as propostas pedagógicas do curso de formação superior em Pedagogia e sua relação com os fundamentos da Educação Popular e da Educação do Campo; Silva (2017) argumenta sobre as práticas educativas dos/as agentes extensionistas da Assessoria Técnica e Extensão Rural – ATER, a partir dos relatos e experiências vivenciadas pelos/as camponeses/as no processo de organização dos grupos familiares do Assentamento Socorro, no município de Areia-PB.

Em relação aos demais temas, no âmbito da *extensão popular*, Botelho (2017) analisou a autonomia e a participação em hortas urbanas no PINAB/UFPB; abordando o tema “*Educação de Jovens e Adultos Indígenas*”, Silva (2017) avaliou os saberes construídos na prática pedagógica dos professores indígenas que atuam na EJA da Baía da Traição – PB; ao discorrer sobre “*Educação e Movimentos Sociais*”, Dantas (2017) discutiu as experiências e lutas sociopolíticas de mulheres nas regiões do Seridó e Curimataú paraibanos, durante a década de 1990; dentro da temática “*Direitos Humanos*”, Marinho (2018) fez o recorte temporal que vai de 1960 até 1964, e discorreu sobre a “*Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR)*”, em relação à “*violência conta a mulher*”, Souza (2018) analisou a capacidade de resiliência de mulheres vítimas de violência doméstica e que foram atendidas pelo Centro de Referência da Mulher (CRM) no Município de João Pessoa-PB.

Esse apanhado geral da produção acadêmica das dissertações da pós-graduação em Educação da UFPB, nesses últimos anos, evidencia a pertinência do objeto educação popular sob a perspectiva da gestão educacional, uma vez que demonstra o quanto é significativo o papel das instituições universitárias em ampliar a formação dos educadores.

De um lado, minha experiência inicial na Universidade em Ciências Econômicas, me fez entender a importância de ações que possam fortalecer a representação e a participação na vida estudantil; de outro lado, corroborando com essa premissa, a produção acadêmica

apresentada é inequívoca quanto à validade da participação democrática dos sujeitos para a construção da cidadania.

Além dessa consulta à produção acadêmica das dissertações da pós-graduação em Educação da UFPB, recorreremos ao banco de dados da UFPB referente aos TCC's produzidos entre os anos de 2014 e 2018, sobre gestão educacional. Analisando a temática e o objeto, verificamos que, mediante as leituras que dos 115 (cento e quinze) trabalhos, 24 (vinte e quatro) abordam a temática da gestão educacional, gestão escolar, entre outros. Poderemos observar a seguir o objetivo geral de cada trabalho:

Albuquerque (2015) busca a compreensão das concepções e práticas atuais de gestão educacional, tendo em vista a imagem do profissional em gestão em uma escola privada em João Pessoa-PB; Sá (2017) analisa os desafios da gestão educacional pública na preparação e cumprimento do Projeto Político Pedagógico (PPP) sob a ótica dos gestores administrativos de escolas da rede de ensino municipal no estado da Paraíba; Silva (2018) reflete acerca da melhoria da qualidade da gestão educacional, com fins de alcançar metas para um excelente desempenho escolar, em função da qualidade da aprendizagem.

Sobre gestão escolar, Lima (2017) descreve o processo da gestão escolar na educação formal, partindo da explicitação de seu formato democrático e participativo na escola, e suas possíveis formas de materialização; Marques (2017) identifica o processo de gestão escolar através da prática dos profissionais em uma escola no município de Itaporanga; Silva (2017) avalia o tipo e a participação da gestão escolar em seus diferentes segmentos; Santos (2018) investiga o processo de gestão escolar na perspectiva da pedagogia de projetos no contexto da Escola Nossa Senhora do Carmo, localizada na zona rural de Bananeiras; Silva (2018) analisa os Parâmetros da Gestão Escolar e como se relacionam e podem contribuir para uma Gestão Democrática e participativa na E. E. E. F. José Vieira.

Sobre a gestão democrática, Lima e Silva (2016) analisam os processos e ações democráticas que dão suporte ao trabalho docente, a partir das contribuições de gestoras e professoras de uma escola de rede pública de ensino, no município de João Pessoa; Silva (2016) descreve os processos e a instauração das formas de participação em virtude dos processos de gestão democrática, usando como base para a análise das proposições as contribuições de gestoras e professoras de uma escola da rede municipal de ensino de Sapé; Melo (2017) analisa a gestão democrática na Escola Municipal Reginaldo Claudino no município do Conde; Souza e Medeiros (2017) avaliam de que forma a gestão democrática e a participação dos diferentes segmentos contribuem para a melhoria da qualidade da educação escolar; Brasileiro (2018) reflete acerca das estratégias de uma gestão democrática na Escola

Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato Batista atentando para as articulações entre aqueles que participam dos processos de gestão da escola; Silva (2018) analisa a percepção dos discentes do Ensino Médio da escola pública a respeito do processo de gestão democrática e a participação na tomada de decisão nas instituições de ensino.

Sobre outros subtemas, como: gestão de processos, temos Lima (2016) que busca implantar a gestão de processos modelando os processos-chave da área administrativa de uma instituição da rede municipal de ensino de João Pessoa; abordando a supervisão escolar, Barros (2016) analisa os critérios e valores que orientam a prática da Supervisão Escolar a partir de uma visão democrática e participativa; discutindo conselho escolar, Fernandes (2016) investiga como funciona o Conselho Escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Escritor Luiz Augusto Crispim, em João Pessoa; no âmbito da gestão, Santos e Lima(2016) analisa como vem sendo desenvolvida a gestão da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marino Eleotério, no município de Conde-PB; discutindo sobre educação do campo, Pessoa e Barbosa (2016) buscam compreender e analisar o papel do gestor na educação do campo, tendo em vista a variável da gestão democrática da Pedagogia do campo, que tem como prioridade a formação do gestor para atuar, prioritariamente, na Educação; discorrendo sobre comunidade quilombola, Aranha (2017) discute a contribuição da professora Antônia Machado na criação da escola quilombola “José Peregrino de Carvalho”, bem como a gestão vivenciada por três gestoras no período de 1972 a 2017; na temática “educação inclusiva”, Araújo (2017) analisa as conquistas e os desafios na prática da gestão democrática inclusiva na Escola Municipal Profª. Maria da Penha Accioly de Souza, no município do Conde, Paraíba; na educação de jovens e adultos, Jesus e Silva (2017) investigam a contribuição da gestão escolar na perspectiva da Gestão Democrática e Participativa na Educação de Jovens e Adultos; apresentando uma discussão sobre conselho de classe, Nunes (2017) almeja entender a organização e o funcionamento do Conselho de Classe nas Escolas do Campo e a sua contribuição para a gestão democrática; no que se refere à aprendizagem, Santos (2017) busca identificar o pensamento dos gestores escolares sobre aprendizagem significativa.

A relação estabelecida através de produções acadêmicas no repositório da UFPB, com recortes específicos e enfoque nos resumos das dissertações e TCC's, evidencia a importância de pesquisas inseridas nos campos da educação popular e gestão educacional. Esse levantamento permitiu a estratificação temática e trouxe razoabilidade para a delimitação do objeto de pesquisa. Este processo também permitiu um vislumbre apropriado ao tema enquanto simultaneamente propiciaria uma abordagem nova aos elementos constitutivos, visto

que as discussões e resultados que mencionam Educação Popular e Gestão Educacional, são relacionados de forma indissociada.

Quanto aos aspectos político-sociais, buscamos nos respaldar na Constituição de 1988, à qual estabelece o modelo de Gestão Democrática como sendo um dos princípios para a educação brasileira.

O Plano Municipal de Educação (PME), do município de João Pessoa, deliberado em junho de 2015, Lei de nº 13.035/2015, incentiva a prática democrática e ressalta a relevância de se ter uma escola de qualidade, fundamentada na formação e valorização da prática democrática, na gestão e na valorização dos profissionais da educação. Cabe ressaltar que a gestão democrática é um princípio constitucional e está presente também na LDB 9394/96. O PME/JP trata de um conjunto de diretrizes e ações orientando a educação no contexto municipal com uma política de educação direcionada para o atendimento das etapas e as modalidades de educação e de ensino, nas quais enfatiza que a gestão democrática é um princípio constitutivo da sua estrutura organizacional. Esse é um documento que evidencia a relevância político-pedagógico da temática deste projeto, uma vez que confere *status* ao discurso político-institucional sobre a questão.

Em vista disso, podemos demonstrar a relevância da nossa pesquisa a partir de meus aspectos subjetivos, considerando minha origem nas classes populares e as contribuições da temática Educação popular e Gestão democrática para a escola, a universidade pública e a extensão universitária. Como também no âmbito acadêmico-científico e meio político-social, pois como abordamos ao longo da justificativa, foi possível identificar que as temáticas gestão educacional, gestão democrática, são abordadas na graduação e na pós-graduação e circulam no discurso político e jurídico, como por exemplo, no PME/JP, na Constituição Federal de 1988 e na LDB 9394/96.

1.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO LUGAR DE FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Para entendermos a extensão universitária nos aproximamos de Carneiro (1985), que fala sobre os problemas globais existentes no serviço de Extensão Universitária, delimitando-os em três naturezas: conceitual, organizacional e operacional.

No aspecto conceitual não se tem uma concepção exata do que se trata a Extensão e seja qual for a maneira que essa se dê (cursos, seminários, estágios etc.) carrega um tom

autoritário vindo da Universidade. Desde o discurso das formas de extensão, da linguagem rebuscada até a proposta de ensinar esquecendo-se de aprender, como se fossem duas forças contrárias, tornando-se algo inatingível. De acordo com Carneiro:

[...] O conhecimento científico é confundido com doses de conteúdos mal assimilado e, a pretexto de se salvaguardar uma falsa qualidade ensino, menospreza-se a criatividade popular e suas diferentes e engenhosas formas de aprender a vida. (CARNEIRO, 1985, p. 19-20).

Segundo o autor, a academia se comporta como algo que está na comunidade, mas que não faz parte dela, alimentando estereótipos do tipo “*o povo é ignorante*” ou “*o povo não sabe o que é bom para ele*” e se afasta, como um detentor de saberes, hostilizando sua relação com estes indivíduos. Na perspectiva da Extensão Universitária, este problema é grave porque implica querer ludibriar as comunidades pobres com soluções cosméticas.

Por se colocar como algo que não faz parte, não se põe a serviço do que a comunidade necessita, acaba por desconhecê-la e logo os programas de extensão podem não chegar de maneira direta e eficaz a estes sujeitos. a estas pessoas.

Conforme, podemos observar no aspecto organizacional se vê teoria e prática em desalinho. De acordo, com o Carneiro (1985), a Universidade organiza a Extensão para e pela Comunidade, porém em torno de algo que nem sempre é do interesse da última. Por vezes faltam avaliações para os programas, retorno de quem participa, e estimativas de suas repercussões sociais, mesmo nos que duram vários anos.

No terceiro aspecto, operacional, o autor sinaliza a problemática da Extensão, em conformidade com a prestabilidade: os Cursos de Extensão, que são extremamente acadêmicos tornando-se excludentes com quem não tem vivência acadêmica; os eventos como conferências, debates, seminários, que segundo ele geralmente não despertam interesse comunitário, já que são tão formais a ponto de se tornarem excludentes por não utilizar a comunicação popular e sim a academicista, afastando o público; rádio e TVs universitárias, com baixa produção e poucos educadores para acompanhar as atividades; programa culturais com problemas de alto custo; *campi* avançados, alto custo administrativo por conta da distância, dificultando o acompanhamento educativo.

Em seguida nos é mostrado um quadro com a demanda global de educação para o Nordeste a fim de responder à pergunta “*O que é mais urgente para a população nordestina sob o ponto de vista educativo?*” (CARNEIRO, 1985, p.23) ou seja, primeiro é preciso dar foco a necessidade para depois serem feitas extensões em torno disto, de maneira que se tornem úteis para a comunidade. Enfim, a medida da universidade é a realidade provocante do

seu meio. Importa dizer que se ela não interpenetra as entranhas de sua realidade circundante, transforma-se em algo destinado à inutilidade. (CARNEIRO, 1985, p. 25).

O autor evidencia que a extensão deve se adequar às necessidades sociais e contribuir com suas ciências de maneira mais concreta e na realidade que circunda. Passa então a delimitar o conceito introdutório de extensão, sendo eles: conjunto de ações educativas e culturais, de iniciativa da Universidade, voltadas para o atendimento a uma grande massa de adultos analfabetos. [...]; conjunto de ações sócias comunitárias voltadas para a produção de benefícios coletivos. [...]; conjunto de ações universitárias, localizadas e academicamente interdisciplinares, voltadas para a solução metodológica e prática de problemas comunitários. [...]; conjunto de ações governamentais voltadas para o envolvimento de estudantes e professores do Ensino Superior, com a realidade do interior do país. [...]; conjunto de ações da Universidade voltadas para o atendimento a instituições organizações e populações de um modo geral, com o objetivo de se estabelecer um renovado diálogo entre universidade e sociedade. [...].

No que condiz ao conceito de extensão, observamos que foi se modificando de acordo com as universidades e suas maneiras didático-científicas. Sendo assim, é necessário verificar o perfil da instituição para delimitar como se encaixa nos conceitos. O autor finaliza mantendo a denúncia da falta de interesse de se buscar uma comunicação extrauniversitária e a deficiência de identificar as necessidades/objetivos das comunidades diretamente com elas. Nesse sentido:

É forçoso reconhecer, no entanto, que a prática extensionista padeceu, desde seu nascedouro, da in-consciência das comunidades universitárias quase sempre arredias a uma convivência mais contínua e aproximada com a realidade social global. (CARNEIRO, 1985, p. 36).

As primeiras instituições de Ensino Superior brasileiras tiveram início em 1808 e seu alunado era parte da aristocracia, desenvolveram-se depois dentro da política liberal com o alunado voltado agora também para parte da classe média. Voltando o foco para o Nordeste temos as universidades desenvolvidas de maneira mais tardia, fazendo assim com que suas Extensões tenham mais legitimidade em suas formações e se destinem de maneira mais útil para as necessidades da população regional, contudo ainda faltam métodos avaliativos dessas Extensões e esta problemática é carregada até hoje, segundo o autor.

Revisando documentos básicos da extensão nas IES foi possível fazer algumas observações em relação a este serviço no Nordeste. Em sua análise, Carneiro (1985, p. 41): na maioria dos casos os cursos de extensão são para aperfeiçoamento ou especializações, dirigindo-se apenas para quem já tem escolaridade superior; os seminários se tratam quase

exclusivamente de assuntos de interesses acadêmicos; os debates são em torno de assuntos de grupos específicos e não ocorre repercussão para a comunidade, por vezes dificultando até o acesso desta; a assistência médica dirigida à comunidade atinge pequenas parcelas, deixando a grande maioria desassistida; a produção audiovisual tem pouca repercussão social; as universidades inserem serviços de apoio ao estudante (RU, Residência Estudantil etc.) como Extensões, desviando de seu conceito fluido.

Além de tratar sobre as extensões, o autor faz um adendo às estatísticas do Nordeste em relação à Educação. A Região possui taxa alta de analfabetismo e evasão/desistência na educação básica. As universidades devem levar a Extensão a este público a fim de trazer melhorias significativas socialmente.

Ao analisar a tipologia dos serviços de Extensão nas Universidades do Nordeste. Carneiro (1985), sinaliza sobre a evolução quantitativa das extensões, mostrando um crescimento considerável ao passar dos anos que pode ter sido ajudado pela implantação e consolidação dos órgãos de supervisão institucional, a criação da CODAE e o aumento da demanda de Aperfeiçoamentos e Especializações (reciclagem).

O autor, reforça que mesmo a Extensão devendo ser algo recíproco entre a universidade e a comunidade, não é o que ocorre. O público atingido em geral já faz parte da vida acadêmica (que é a minoria da população), enquanto as comunidades (maior parcela da população) ficam quase de fora dos quadros extensivos, como a maior parte das extensões ficam nas capitais acaba-se atendo a população urbana deixando de atender fora das capitais. O autor reitera que a universidade se coloca “*sobre o povo, jamais com o povo*”, perdendo engajamento e quebrando seu objetivo de contribuir socialmente, mantendo a desigualdade e até ajudando a esta se perpetuar, o que ele chama de “efeitos perversos”.

De acordo com Carneiro (1985) não existem normas específicas estabelecidas para as extensões na legislação do Ensino Superior Brasileiro, deixando abrangente a maneira com que as universidades colocarão em prática as atividades. Após a criação da CODAE/MEC os Departamentos Acadêmicos ficaram responsáveis pela Extensão sendo supervisionados pela Pró-Reitoria de Extensão.

A estrutura da Extensão coincide com a estrutura dos cursos acadêmicos, porém a destinação destes é diferente já que o último é exclusividade dos universitários. O autor expõe a falta de organização no sentido sequencial dentro desta estrutura já que a extensão deveria ser destinada a comunidade em geral, evitando o caráter demagógico.

Um impasse que desfavorece o desempenho dos sistemas educacionais é o problema envolvendo o financiamento das atividades de extensão. As dificuldades envolvem a

instabilidade governamental, com cortes de verbas e insuficiência de fundos para a educação; pessoas sem vivência na área educacional/social em cargos decisivos na política educacional; educadores com visão crítica limitada, impedindo de realizar transformações positivas. Para Carneiro (1985) algumas áreas educacionais sofrem com a consecução de recursos e a de Educação de Adultos é uma delas. Avaliando os dados orçamentários para atividades de extensão se concluiu que são reduzidos e na maioria das vezes com destinação prévia, retirando das universidades a liberdade de aproveitamento.

Em relação a prospectiva dos serviços de extensão prevê-se uma maior especificidade dos temas objeto de cursos de Especialização, a nível dos Cursos de Extensão; presença de temas de cunho político e social, a nível das atividades de seminários, debates e mesas-redondas; consolidação dos *campi* avançados e sua validação social; ofertas de cursos voltados para soluções de problemas tópicos, culturas e tradições interioranas, estudos econômicos regionais, subsistência, formação profissional inicial, educação fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Carneiro traz propostas de melhorias para a extensão universitária. Diante disso, o primeiro aspecto proposto pelo autor é o da superação da seletividade, seguido pela participação popular, possibilitando acesso geral ao conhecimento.

A academia deve se desprender do monopólio em torno do ensino, redistribuindo o compromisso de ensinar entre segmentos sociais institucionalizados e não-institucionalizados, deve também compreender que existem outras maneiras educacionais fora a aprendizagem sistematizada, pois as ligações entre as instituições sociais fazem parte de um projeto educacional socialmente criativo.

Para isto se estabelecer, será necessário que a Universidade pratique novas estratégias, destacando-se as estratégias de: Cooperação, Refinalização, Reprogramação, Pertinência, Convergência, Reciclagem. Para Carneiro, Educar a Extensão significa torná-la continuamente educativa, deixando de ser complementar ao Ensino e a Pesquisa. Reelaborando a Extensão no contexto nordestino sua prática poderá se dirigir a três níveis: Nível finalístico, Administrativo e Operacional.

Tudo isso quer dizer educar a Extensão, sob a forma de reconhecimento da criatividade popular, da solidariedade social e da convivialidade comunitária, formas transcendentes de um saber coletivo insubstituível. Tudo isto, igualmente, quer dizer estender a educação, sob a forma de ampliação do seu conteúdo e de sua função social. (CARNEIRO, 1985, p. 146).

Segundo Paulo Freire, a educação não é neutra, a mesma abarca uma intencionalidade política. Esta premissa nos leva a ter o olhar para formação dos pedagogos também como formação política.

No campo acadêmico, o desenvolvimento de experiências, projetos e programas de Extensão Universitária orientados pela Educação Popular, a EXTENSÃO POPULAR, vem cultivando, nas várias áreas do conhecimento e inserção social, uma perspectiva diferente e inovadora de interação Universidade/Sociedade. A Extensão Popular dá sentido e direcionamento a uma cultura universitária onde os esforços empreendidos por comunitários, estudantes, técnicos e professores concretizam-se em metodologias capazes de promover o apoio acadêmico aos esforços das classes populares na luta cotidiana pela conquista plena da cidadania, na realização dos seus direitos. (CRUZ, 2017, p. 20).

Isto implica uma reflexão permanente sobre a natureza, os objetivos e as lógicas que presidem a concepção de educador, enquanto sujeito que transforma e ao mesmo tempo em que é transformado pelas próprias contingências da profissão. Bezerra (2019, p.13) chama atenção para o fato de que “no Brasil, a *educação popular* surge como um processo metodológico educacional sistematizado, tendo Paulo Freire como um dos principais representantes nos anos 50 e 60, e propunha uma construção de conhecimento crítico, no qual o sujeito compreendesse sua história e realidade social de forma emancipatória”.

No contexto histórico, podemos observar variadas interpretações relativas à Educação Popular, por exemplo, já foi considerada de caráter subversivo, grupos de esquerda, entre outros. Bezerra (2019, p. 22-23) explicita que:

A Educação Popular, partindo dos movimentos de educação desde o final do século XIX até a universalização do direito a educação pública, gratuita e de qualidade, sempre acompanhou os diversos debates e lutas sociais das diversas áreas, ou seja, pensar na reconstituição histórica de maneira intersetorial é pensar como a educação popular produziu experiências em contextos que estão atravessados em uma relação entre setores sociais civis e estatais, junto à construção de políticas públicas, ocupando esse lugar de maneira relutante frente às políticas opressoras.

A relação entre gestão democrática e educação popular pressupõe uma pedagogia que apresente diretrizes orientadoras de uma educação comprometida com as mudanças e transformações sociais. Nesse sentido:

O que está no centro das atenções é a permanência de um trabalho educativo anti-elitista e anti-excludente. Um trabalho que ajude a construir cidadãos que busquem seus direitos básicos à sobrevivência digna, ao trabalho garantido, à uma escola de qualidade com acesso e permanência de todos, à uma moradia razoável, à alimentação e à saúde plena. Penso que toda as formas de educação que busquem esses parâmetros – básicos para qualquer

país que pretende reduzir ao máximo suas disparidades, devam ser incluídas no rol da educação popular. (SCOCUGLIA, 1999, p. 106).

A educação, por ser uma prática social e também um fenômeno historicamente construído, requer como essência no seu desenvolvimento uma linguagem múltipla, capaz de abarcar toda a diversidade e também os desafios que fazem parte do tecido de formação profissional de educadores.

A educação popular, que já foi “de adultos”, “de igreja”, “de sindicato” e de tantos outros “de” e que, finalmente, sem perder seus horizontes anteriores, encampou a escola como um importante espaço contraditório de combates para uma sociedade melhor e mais justa [...] e do anti-elitismo. (SCOCUGLIA, 1999, p. 106).

A Educação Popular tem em sua dimensão política uma percepção da construção de uma pedagogia voltada à desconstrução de qualquer tipo de opressão, seus objetivos não se esgotam em si, seu intuito vem a ser decisivo como um meio de conscientização para uma luta contra-hegemônica. De acordo, com Brutscher (2017, p. 65) “um dos grandes diferenciais da educação popular é metodológico: fazer educação a partir da realidade das pessoas em torno de processos organizativos que visam mudar essa realidade”.

Vale ressaltar que a Educação Popular, “[...] não é uma variante ou extensão da democratização da escola, e sim uma concepção emancipadora que busca transformar a ordem social e o próprio sistema educacional” (CARRILLO, 2013 p.18).

Entendemos que Educação Popular é uma perspectiva alinhada com os princípios constitucionais, tais como: democracia participação, transparência, pluralidade de ideias, entre outros. Isso é importante, uma vez que, segundo Alcantara e Carlos (2018, p.136): “[...] os ‘novos atores sociais’ caracterizam-se por outras demandas, temáticas e interesses”. Os novos atores sociais, das camadas populares, tais como, mulheres, pessoas com deficiência, a população LGBTQIA+, entre outros, estão inseridos em uma teia discursiva na qual as demandas culturais são integradas.

Contudo, no Brasil constata-se que a educação contínua e de permanência tem diversas dificuldades para ser cumprida, pois as políticas são populistas e seguidas de autoritarismo que reprimem as possibilidades de transformações sociais.

A consciência crítica é o caminho possível para a obtenção de uma educação que seja um ato de liberdade, porém, como possibilitar o desenvolvimento da consciência crítica diante de uma realidade educacional que preza, em sua maioria, a memorização e a cópia? Surge a necessidade dos educadores repensarem suas metodologias de ensino, percebendo qual contribuição

forneçam em sala de aula e se a mesma coincide com os anseios dos educandos. Isso não significa que estamos atribuindo apenas ao educador tal responsabilidade, afinal, a escola possui outros profissionais que em conjunto, devem repensar as modificações necessárias e agir para que se concretizem (SANTOS, 2018, p. 18).

Como se pode perceber, Bezerra (2019) e Santos (2018), trazem a discussão da educação popular, de modo que possamos ter o entendimento da educação em suas especificidades sociais, culturais e políticas.

Uma vez que a educação deve ser enredada com a prática da democracia e não com o sistema dominante que torna as políticas educacionais a submeter as pessoas a um treinamento e não a educação de qualidade.[...] a educação poderá contribuir para a instituição de uma sociedade mais justa ou menos desigual, na qual a conquista dos direitos básicos da cidadania concretizar-se-ia, em definitivo, para a imensa maioria dos que fazem o Brasil. (SCOCUGLIA, 1999, p. 108).

A Educação Popular tem como princípio norteador a busca pela igualdade plena para os sujeitos, onde almeja a ampliação e a democratização de uma educação emancipatória para a libertação dos indivíduos, como também, busca a inclusão social, através da valorização das mais variadas formas de saber.

A gestão educacional no Brasil vem sendo amplamente discutida, sobretudo a partir dos movimentos democráticos da sociedade, tendo como seu marco principal a Constituição Federal de 1988, na qual garante em seu art. 205 que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

As Diretrizes e Bases de Educação Nacional, lei n. 9304/96, responde a esse princípio em seus artigos:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I. Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15 - Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas de direito financeiro público.

A gestão escolar no Brasil é marcada por políticas distantes e fragmentadas entre as visões com foco administrativo e a perspectiva pedagógica, um dilema que tem no gestor

escolar seu principal personagem. Estabelecidas tais discrepâncias, percebe-se a sistematização de modelos político-administrativos engessados, contrapondo uma óptica sob a luz da pedagogia, que permite adaptações as realidades, além da busca incessante de participação e incursão social na construção de um modelo democrático. Sendo assim:

existem modelos diferenciados de gestão escolar e estes também dizem respeito à cultura institucional. Levar em conta esta cultura significa respeitar as pessoas, seus diferentes posicionamentos, sem perder de vista a missão da instituição. Cabe aos gestores a tarefa de estabelecer acordos dentro deste espaço, conciliando diferentes concepções, abrindo campos para a discussão, levando em conta as peculiaridades de cada um dos atores que atuam no espaço educacional (PESSOA; BARBOSA, 2017, p. 21).

Neste sentido, verifica-se em parte das gestões, uma inviabilização nas práticas democráticas, notadamente devido aos direcionamentos tecnocratas, muitas vezes fundamentados em políticas econômicas . “Por isso que o gestor escolar precisa agir como um mediador do trabalho e incluir a sua equipe escolar para promover a transformação e o rompimento de paradigmas já existentes numa sociedade que vive em constantes modificações”. (PESSOA; BARBOSA, 2017, p. 25). Nessa perspectiva:

a gestão democrática é uma prática fundada em preceitos participativos e políticos. Ela não instrumentaliza a manutenção da escola, mas organiza a comunidade para buscar nos órgãos públicos a responsabilidade por sua manutenção. Constitui-se, portanto, nos fundamentos que tornam a escola vinculada a um sistema descentralizado, no qual haja autonomia de decisão financeira, pedagógica e administrativa. É, portanto, fundamental a existência de mecanismos de participação da comunidade escolar que possibilitem a tomada de decisões coletivas para a construção do controle social. Isto, de modo algum implica em eximir o Estado da manutenção desta escola. Não significa, deste modo, que a escola seja a responsável pelo autofinanciamento de seus gastos. (LIMA; PRADO; SHIMAMOTO, 2011, p. 7).

Sendo assim, observamos a importância de se ter uma gestão democrática para a construção de uma prática educativa transformadora, coletiva, participativa, que gradualmente supere as práticas defasadas da administração escolar autoritária. Segundo Luck:

gestão é uma expressão que ganhou corpo no campo no contexto educacional acompanhando uma mudança de paradigma no encaminhamento das questões desta área. Em linhas gerais, é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento do seu trabalho. O conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com

resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos (LUCK, 1997, p.1).

Desta forma, essas vivências me fizeram inquirir sobre a importância das ações da extensão universitária em relação à formação dos gestores educacionais na perspectiva democrática e da Educação Popular, tendo como objeto de pesquisa *as contribuições da educação popular, no âmbito da extensão, para a formação de gestores escolares na perspectiva da gestão democrática*. Em função deste objeto de pesquisa, idealizamos a seguinte questão-problema: *quais as contribuições da educação popular, no âmbito da extensão, para a formação de gestores escolares em uma perspectiva da gestão democrática?*

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR EM UMA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Nesta pesquisa, inicialmente versaremos sobre a educação popular e a extensão universitária. Traremos as normativas que compõem Política Nacional de Extensão Universitária, através das quais podemos observar a importância da tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão); e destacaremos a Educação Popular, como uma concepção de educação que defende o diálogo com a classe trabalhadora. Neste capítulo utilizei como base teórica: Freire (1983); Alcantara e Carlos (2018); FORPROEX (2012), Melo Neto (2014).

Em seguida abordaremos a questão da gestão educacional na concepção da gestão democrática como elemento formativo. Iniciaremos a discussão com o artigo da Revista Brasileira de Administração da Educação-RBAE (1983- 1996), onde percebemos o percurso da disciplina da Administração Educacional, em seguida adentraremos na temática gestão educacional, realizando uma discussão acerca da gestão democrática. Nesse ponto, teremos como respaldo teóricos: Pimenta (1999), Paro (2010), Pimenta e Lima (2005-2006), Scocuglia (1999). No que cabe à formação de profissionais da educação, acessamos o documento da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica (2005), LDB nº 9394/96.

Por fim, traremos acerca da metodologia que foi aplicada, tendo o enfoque fenomenológico, com base em uma entrevista semiestruturada, através de grupo focal com os participantes do curso de Formação de Gestores em Educação Popular (FOGEP), no âmbito da pesquisa qualitativa.

2.1 A EDUCAÇÃO POPULAR E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Diante do desafio de entender as ações realizadas no processo formativo que envolve a extensão universitária, faz-se necessário uma reflexão acerca desse espaço, uma vez que “a extensão é um espaço privilegiado para a emergência e a consolidação de propostas pedagógicas [...]” (VASCONCELOS, 2011, p. 23). A Universidade apresenta-se como um espaço de formação e por meio da extensão se aproxima da sociedade. Sendo assim:

Essa iniciativa de extensão universitária não se caracteriza apenas pela busca de um modo dialogado e comprometido de inserção e ação social, mas também pela forma participativa de sua organização interna, em que

estudantes e populares ocupam espaço de protagonismo (VASCONCELOS, 2011, p. 23).

Ao participar do projeto de extensão Probex (voluntária) e Prolicen (bolsista), foi possível observar como a academia pode ultrapassar os muros da universidade, provocando essa parceria com a sociedade através do ensino, pesquisa e extensão. Ao vivenciar a tríplice acadêmica, percebo que essa troca de conhecimento tem enriquecido ainda mais a formação dos alunos de graduação e também da comunidade externa. Nessa direção:

A Extensão Universitária tornou-se o instrumento por excelência de inter-relação da Universidade com a sociedade, de oxigenação da própria Universidade, de democratização do conhecimento acadêmico, assim como de (re)produção desse conhecimento por meio da troca de saberes com as comunidades (FORPROEX, 2012, p. 17).

No documento da Política Nacional de Extensão Universitária, (2012, p. 19-20), observamos que “é justamente aqui que se afirma a centralidade da Extensão Universitária, como prática acadêmica, como metodologia inter e transdisciplinar e como sistemática de interação dialógica entre a Universidade e a sociedade”. As *Diretrizes para as Ações de Extensão Universitária*, orientam a formulação e a implementação da política de extensão, sendo elas: “Interação Dialógica”, “Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade”, “Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão”, “Impacto na Formação do Estudante” e “Impacto e Transformação Social”. Nesse sentido,

[...] essa maneira de representação conduzirá ao encontro de elementos que, necessariamente, são construídos para a organização curricular nos diversos níveis educacionais, sejam formal ou popular. Essa possibilidade conduz a extensão, numa visão popular, para expressar o próprio processo educativo, cultural, científico e tecnológico. Adquirirá a dimensão articuladora do ensino e da pesquisa, procurando indissociar e viabilizar possíveis ações transformadoras da universidade e sociedade. (MELO NETO, 2014, p. 71).

Essa constatação, evidencia as discussões que cercam a extensão universitária na atualidade, onde podemos observar uma reconfiguração fundada na relação dialógica entre a universidade e a sociedade.

Ao se pensar a extensão universitária como trabalho social útil, vê-se que este trabalho não se exerce apenas a partir dos participantes da comunidade universitária, servidores e alunos. Na sua dialeticidade, exige a dimensão externa à universidade, que é a participação de pessoas da comunidade ou mesmo de outras instituições da sociedade civil, como os movimentos

sociais. Está aí presente uma relação ‘biunívoca’, para onde os participantes da universidade e os de outras instituições ou da comunidade confluem. (MELO NETO, 2014, p. 93).

Tomando esta perspectiva, averiguamos que a Educação Popular precisa ser construída em diferentes setores, através de atividades formais ou não-formais, associada ou não à capacitação profissional. De acordo com Freire (1983, p. 21):

[...] qualquer esforço de educação popular, esteja ou não associado a uma capacitação profissional, [...] deve ter, [...] um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão.

As contribuições de teóricos como Paulo Freire, em relação às bases da Educação Popular, vêm para nos mostrar a sua ressignificação como uma proposta de educação, que embora não se limite à sala de aula ou espaço escolar, dialoga com as possibilidades de reconstrução desse espaço institucional.

Para Paulo Freire, a base da pedagogia é o diálogo. A relação pedagógica necessita ser, acima de tudo, uma relação dialógica. Essa premissa está presente em diferentes situações: entre educador e educando, entre educando e educador e o objeto do conhecimento, entre natureza e cultura. “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983, p.16).

Alcantara e Carlos (2018, p. 6) destacam que “Freire sempre ressaltou em seus escritos que, ao tomar consciência de sua situação, individual ou coletiva, de opressão, em vez de lutar para superar a realidade, o oprimido tende a assumir o papel de opressor também”. Com isso podemos perceber, que a concepção de Educação Popular em Paulo Freire defende uma educação que não se limita ao contexto escolar da sala de aula, como também conversa com as relações sociais estabelecida.

A Educação Popular vem com uma dimensão política direcionada a uma percepção de educação voltada para a classe trabalhadora, seus propósitos não se dissipam na dimensão na interação dialógica entre os sujeitos e na relação estabelecida com objeto de conhecimento.

Seu intuito vem a ser decisivo, como também um meio de conscientização para uma luta contra-hegemônica, sendo uma educação que está a serviço de um projeto político de sociedade.. Nessa perspectiva, a Educação Popular precisa ser vivenciada em diferentes setores.

2.2 A GESTÃO EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO ELEMENTO FORMATIVO

Para compreendermos um pouco da história da gestão educacional como disciplina, nos deparamos com a administração da educação no artigo “A construção da administração da educação na RBAE (1983-1996)”. A partir da leitura desse trabalho, observamos o percurso da disciplina da Administração Educacional, desde a década de 80 até os anos 90. É um percurso histórico em que percebemos uma transição do campo técnico para o político.

Até certo ponto, estamos diante de um movimento discursivo, uma rearticulação do discurso que poderia deslocar a ideia de administração para uma ideia de gestão, presente sob o enfoque da politização do campo educacional. Tal observação suscita uma investigação a respeito da hegemonia na prática administrativa em detrimento de uma visão em torno da gestão, para tanto, devemos entender esse fenômeno a partir da perspectiva do discurso político-pedagógico.

A historicidade constatada através de documentos que pudemos acessar durante a pesquisa, que inclui, Repositório Institucional da UFPB, além da Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, mostra uma realidade em meados dos anos 80. Certa ruptura acadêmica, que leva a proliferação de discursos políticos, científicos e pedagógicos. Nesse contexto aparecem os discursos políticos de natureza progressista, tecendo críticas à ditadura e exprimindo anseios por liberdade e uma democratização da sociedade.

Com o engajamento desses agentes mobilizadores, as instituições universitárias passaram a considerar os “debates e a participação política”. Ao levar isto em conta, não se pode deixar de observar a abrangência existente sobre a temática, pois os agentes modificadores tinham proposituras com transformações relevantes. Nas quais teciam “considerações críticas a características das organizações universitárias, sobretudo à ausência de participação efetiva e à centralização da autoridade na cúpula administrativa”. (PEREIRA; ANDRADE, 2007, p.147).

De posse dessas particularidades, caberia aqui observarmos a influência direta das ingerências políticas que estavam no entorno da administração, durante o período obscuro dos governos ditatoriais no Brasil, por consequência abrangia inclusive a extensão universitária.

[...] o intuito é compreender, portanto, como a Extensão se insere neste cenário e quais concepções e propostas incidem e decorrem dela. Tal empreendimento não se faz sem relacionar a Extensão Universitária ao conjunto da sociedade, que compreende uma realidade concreta e uma

problemática mais geral, na qual a Extensão Universitária está inserida. (GONÇALVES; VIEIRA, 2015, p. 274).

Verifica-se a partir deste ponto o modo como as interferências sofridas pela sociedade, impactam diretamente na extensão universitária, visto que o período acima descrito sintetiza o controle político e social exercido pelo comando da ditadura militar; a sociedade agora sobre forte influência dos militares, que também compunham os quadros da administração, isso refletiria em de sobremaneira na extensão. Lembramos que:

todas essas estratégias são, portanto, possíveis de serem identificadas como parte de uma política governamental mais ampla, marcada pela presença de uma Doutrina de Estado que tinha por base a Segurança Nacional e o Desenvolvimento da nação, difundida pela Escola Superior de Guerra (ESG)⁵. (GONÇALVES; VIEIRA, 2015, p. 275).

A abordagem neste quesito se relaciona com práticas de interferência do Estado, portanto institucional e o mais grave, na forma de planejamento estratégico, desconstruindo demandas sociais históricas e mais uma vez incidindo de forma direta no âmbito da extensão universitária.

Após esse período a sociedade estava convulsionada pelo possível retorno das liberdades de cunho representativo e próprias das expressões democráticas. Não obstante as publicações da época refletem o intenso debate político e aspirações sobre o processo de redemocratização dentro dos institutos administrativos nas universidades. De 1985 a 1990, os volumes publicados enfatizam a problemática da democratização da gestão do ensino superior. (PEREIRA; ANDRADE, 2007, p.148).

A mescla “sociedade” - “extensão universitária” ressignifica os próprios efeitos e causas, que se reproduzem em determinados períodos, evidenciando que ambas se moldam e a segunda reflete a produção de acordo com as demandas da primeira. Não podemos esquecer que “[...] o grande desafio [...] da extensão é repensar a relação do ensino e das pesquisas às necessidades sociais, estabelecer as contribuições da extensão para o aprofundamento da cidadania e para a transformação efetiva da sociedade” (CARBONARI; PEREIRA, 2007, p.27).

⁵ Lei nº 785, DE 20 DE AGOSTO DE 1949. Cria a Escola Superior de Guerra e dá outras providências. Art 1º É criada a Escola Superior de Guerra, instituto de altos estudos, subordinado diretamente ao Chefe do Estado Maior das Forças Armadas e destinado a desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção e para o planejamento da segurança nacional. (BRASIL, 1949).

Ressalta-se que com a abertura das discussões a dialogicidade desse movimento da administração entra na ordem do discurso da gestão educacional, “[...] as atenções voltam-se para o papel a ser desempenhando pela universidade em razão da reforma do Estado então em curso, denunciada como feição neoliberal [...]”. (PEREIRA; ANDRADE, 2007, p.148).

Ao entrarmos no espaço universitário e ao sermos apresentados aos teóricos, tais como Pimenta (1999), Paro (2010), Pimenta e Lima (2005-2006), no estágio supervisionado em gestão educacional, passamos a compreender que as concepções da teoria e da prática precisam dialogar em conjunto e não separadamente. Compreendendo assim, a intenção dos(as) autores (as) em discorrer acerca da formação de pedagogos, direcionada a teoria e a prática existentes nas atividades de estágio, como funciona e como se realiza o estágio e qual correlação existe entre os mesmos.

A partir das constatações, durante o estágio em gestão educacional, fica evidente que a escola como uma instituição, está inserida no contexto de uma sociedade que vem sofrendo transformações resultantes das desigualdades econômicas-sociais e políticas e isso tudo, reflete na realidade educacional. Passando a educação a ser considerada ferramenta na formação de cidadãos, rompendo com a visão de que esta seria algo inato, esse movimento não deveria se perder durante a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Ao falarmos em gestão democrática na escola, subentende-se que a participação da comunidade escolar já está inclusa nesse processo. Por mais, redundante que isso possa parecer, a incorreção aqui cometida é que a democratização das relações, em teoria e prática, na administração das escolas tem ficado restrita às pessoas que atuam no âmbito da instituição, excluindo a comunidade. Sendo assim, acontecem apenas arranjos entre funcionários (PIMENTA; LIMA, 2005-2006).

Ao examinar as relações desta gestão com a comunidade, verifica-se que existe atribuição de caráter excludente ao processo democrático. Admitindo-se que a gestão democrática demande participação da comunidade e esta deverá acontecer através da partilha do poder e da tomada de decisões, intui-se a não corroboração da instituição para com as práticas democráticas junto à sociedade. A maior evidência da necessidade da participação popular em instâncias onde se dão os oferecimentos de serviços pelo Estado, parece reforçar a constatação de uma fragilidade na democracia liberal (PIMENTA; LIMA, 2005-2006).

O Estado se limita a servir aos interesses dos grupos minoritários, detentores do poder econômico e político na sociedade. Não existe participação popular efetiva sobre as tomadas de decisões no Estado. É necessário amplificar nos meios acadêmicos as discussões com fins de viabilizar o aumento da participação popular nas instituições, a luz da gestão democrática.

A escola estatal, só será efetivamente pública a partir do instante em que a população escolarizável obtiver acesso geral e indiferenciado a uma boa educação escolar, considerando que o Estado é um espaço contraditório de disputas, as classes populares, por meio da luta social, podem impor o objetivo de universalização de um ensino de qualidade (PIMENTA; LIMA, 2005-2006).

É neste contexto neoliberal que se ganha maior importância a participação da comunidade na escola, na direção de partilha do poder por parte daqueles que se supõe serem os diretamente interessados na qualidade de ensino. A participação da comunidade na escola, como todo processo de democratização é um caminho em constante construção, o que não elimina a necessidade de se refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação (PIMENTA; LIMA, 2005-2006).

Ao lermos o documento da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica (2005, p.20), é possível observar em um dos seus pontos que:

a democratização da gestão coloca-se, também, como um dos eixos prioritários de atuação, entendida como um processo político-pedagógico e administrativo por meio do qual se orienta, organiza e viabiliza a prática social da educação, devendo ser, portanto, compartilhado por todos os que compõem a comunidade local e escolar. (BRASIL, 2005).

A democracia não se concede, mas se realiza. E para que possamos caminhar rumo à democratização, precisaríamos superar o *establishment* e esse é o primeiro passo na direção de concretizá-la. Esta ruptura deverá ser respaldada na busca de um conhecimento crítico da realidade.

Para Scocuglia (1999, p. 108),

no espaço da Universidade, avançar nessa direção significa, por exemplo, melhorar nossa docência, encetar pesquisas socialmente relevantes, aproximarmo-nos de outros segmentos sociais com nossos cursos e trabalhos de extensão universitária, além de efetivarmos nosso compromisso com que nos sustenta: a sociedade [...].

O ato de ensinar e aprender é tão ancestral quando a própria humanidade. Ser humano, em alguma medida, significa ser capaz de compartilhar códigos linguísticos e saberes outros mais amplos também para as futuras gerações e estas se apropriarem destes. Pensar sobre esses processos na sociedade, invariavelmente põe em questão apontamentos para a formação de profissionais da educação.

A LDB nº 9394/96, estabelece as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional brasileiro. É nela que encontramos os princípios gerais da educação brasileira, bem como suas finalidades, indicações sobre o financiamento educacional e sobre, a formação dos profissionais da educação e diretrizes para a constituição da carreira desses profissionais, visando assegurar os direitos e deveres no âmbito educacional para o Estado e a sociedade. Seu Art. 61 define que:

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009). Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009) I - a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009); II - a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009); III - o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009) (BRASIL, 1996).

Ações importantes devem ser tomadas, em relação à formação, à valorização dos profissionais da educação e ao fortalecimento de uma educação pública de qualidade, (gratuita, democrática e laica), de forma a cumprir os dispositivos legais promovendo o fortalecimento dos processos formativos e promovendo melhorias nas condições de trabalho dos profissionais da educação. Deste modo, faz-se necessário tornar mais amplas as discussões sobre o propósito e a execução da formação inicial e continuada, em relação às conjunturas reais das unidades escolares e sistemas de ensino. E, por sua vez, os processos formativos realizados nas instituições de Educação Superior devem tentar se aproximar das necessidades identificadas nessas conjunturas.

2.3 A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR (FOGEP) NO ÂMBITO DA PESQUISA QUALITATIVA

O Enfoque Teórico Metodológico deste projeto possui o carácter fenomenológico e qualitativo. De acordo com Gil (1999, p. 33-34):

nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. Não procura explicar

mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. [...] O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito. A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada.

Para executarmos a pesquisa qualitativa, nos fundamentamos em Godoy. A autora mostra que:

[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Realizamos uma pesquisa que buscou compreender o fenômeno da formação de gestores na concepção da educação popular, por meio da extensão universitária. Ao investigarmos as contribuições desse processo formativo do curso de extensão para a formação dos cursistas, assumimos um caráter qualitativo, de modo a compreender as ações positivas, como também negativas articuladas entre os projetos de extensão.

Ao assumir esse caráter qualitativo de pesquisa fenomenológica, detalhamos registros, procedimentos, documentos, citações, elencamos dados, experiência, e tivemos acesso a conceitos que nos deram suporte para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo.

No que se refere à parte documental, acessamos a Constituição Federal de 1988 e a LDB 9394/96, no tocante à educação, de modo, a nos embasarmos na legislação educacional em seus artigos e incisos, no que cabe a fundamentação teórica.

Todo o processo de consulta temática à produção acadêmica sobre educação popular e gestão educacional, suscitou na organização de nosso arcabouço teórico possibilitando entender que “[...] A Educação Popular vem demonstrando, com arte e criatividade, a constante invenção de uma educação universitária profundamente transformadora, cujas bases estão na chamada Extensão Popular” (CRUZ, 2011, p.41).

Essa etapa não foi somente mais um ponto relevante, e sim o momento em que constatamos a direção e delimitação deste TCC. A partir do universo acadêmico consultado especificamente, através das análises e conversas com dois TCCs, pudemos em Bezerra

(2019) e Santos (2018) encontrar uma aproximação com o nosso objeto de pesquisa. Essa experiência contribuiu, de forma mais veemente, com a delimitação do objeto.

Em suma, coletamos nossos dados a partir de entrevistas semiestruturadas, através de um grupo focal com os participantes do curso de extensão FOGEP: gestores, docentes e especialistas. Segundo Kinalski:

O GF é aplicado como técnica por pesquisador que tem como objetivo coletar informações sobre um determinado tema específico por meio da discussão participativa entre os participantes, reunidos em um mesmo local e durante certo período de tempo. O GF valoriza a interação entre os participantes e o pesquisador, sendo realizado a partir das discussões focadas em tópicos específicos e diretivos. Isso proporciona a troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes. Origina discussões e elabora táticas grupais para solucionar problemas e transformar realidades, pautando-se na aprendizagem e na troca de experiências sobre a questão em estudo, potencializando o protagonismo dos participantes na medida em que dialogam e constroem coletivamente os resultados da pesquisa. (KINALSK, DDF, et al, 2017, p. 444).

Ao definir a data para a coleta de dados, através da entrevista com o grupo focal, encaminhei uma mensagem de texto no whatsapp para o grupo FOGEP, convidando os(as) cursistas a participarem da entrevista. Alguns participantes entraram em contato comigo, através de mensagem, confirmando a sua participação, sendo assim, obtive a resposta de 07 (sete) cursistas.

Vale, ressaltar que, a entrevista através do grupo focal, inicialmente seria realizada, de forma presencial, mas, devido ao contexto de pandemia do Covid-19, não tivemos como nos encontrar pessoalmente, desta forma, reelaboramos a estratégia de coleta de dados, sendo a mesma aplicada de forma virtual, através da plataforma Google Meet

No dia da entrevista, por motivos do sinal da internet ficar oscilando, tivemos a participação inicial de 06(seis) entrevistados, mas só 05(cinco) conseguiram permanecer na sala virtual, sendo que 1(uma) cursista não conseguiu responder a última pergunta, devido, a problemas com o sinal da internet.

Com o propósito de promover a participação ativa dos cursistas, usei a técnica da entrevista semi-estruturada, onde formulei 4(quatro) perguntas abertas, dessa forma, ao lançar a pergunta, deixei em aberto a participação das mesmas, de modo, a contribuírem com o minha pesquisa. Vale ressaltar que, a quarta pergunta foi suprimida, devido a uma cursista que não respondeu, por problemas com a internet.

O grupo focal nos oportuniza a usar a técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Para compor o grupo focal, os participantes devem possuir pelo menos uma característica comum entre si, a amostra do quantitativo de participantes também se faz importante, essa metodologia impõe uma amostra intencional. Com essa técnica foi possível ampliar a análise da minha pesquisa, de forma qualitativa.

O tratamento analítico dos dados foi realizado a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Esse processo levou em consideração diferentes aspectos, com o intuito de definir a pesquisa enquanto qualitativa e possibilitando a identificação do objeto de estudo. Isto permitiu traçar o perfil das áreas de interesse que os cursistas buscam nas formações.

3 FORMAÇÃO DE GESTORES EM EDUCAÇÃO POPULAR (FOGEP) EM QUESTÃO

Este Capítulo apresenta os resultados das discussões que obtivemos a partir da entrevista realizada junto do grupo focal com alguns cursistas que participaram do curso de Formação de Gestores em Educação Popular (FOGEP). A construção da análise leva em conta os relatos das cursistas, pontuando as contribuições mediante uma entrevista semiestruturada, constituída de 3 (três) questões abertas. Realizamos a interação do grupo focal de forma remota, com o encontro virtual, através da plataforma Google Meet, devido a pandemia de COVID-19.

3.1 PRIMEIRO CONTATO DOS CURSISTAS COM TEMÁTICAS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA E DA EDUCAÇÃO POPULAR

Como vimos ao longo do trabalho de conclusão de curso, neste momento se faz necessário avaliarmos como as ações da extensão universitária, na concepção da Educação Popular podem contribuir para a formação dos gestores escolares no prisma da gestão democrática. Ao serem questionados sobre o primeiro contato com as temáticas da gestão democrática e da educação popular, a cursista 1 respondeu:

[...] o meu contato foi desde a escrita do meu TCC que eu pesquisei a educação do campo dentro da educação popular e assim, e posteriormente eu fui coordenadora de 24 escolas do campo no meu município, então meu primeiro contato com a educação popular foi essa né, da minha formação e do meu primeiro trabalho, então quando eu resolvi procurar esta formação em gestão em educação popular é porque eu sentia necessidade profissional de conhecer “né” os marcos legais, é os eixos norteadores desse trabalho [...].

Esse relato nos leva a compreender a importância da formação continuada para os profissionais que já atuam nas escolas. Ao observar a fala, podemos ver que a mesma já conhecia a temática, possuía formação acadêmica e vivência na coordenação escolar. Ainda assim manifestou uma necessidade de retornar à Universidade para estudar mais, o que nos remete a uma importante relação entre extensão e formação continuada dos profissionais da educação. Nesse sentido:

[...] na formação continuada não se podem desconsiderar as dimensões pessoais e profissionais, incluindo os aspectos concernentes à subjetividade,

que permitem aos professores a apropriação dos processos de formação, uma vez que o saber é construído ao longo do percurso. A noção de experiência e de construção do conhecimento mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica, considerando os diferentes saberes e a experiência docente. (BRASIL, 2005, p. 24).

Ao deixar a academia faz-se necessário a continuação da formação, visto que os profissionais da educação devem acompanhar as mudanças que estão presentes no dia a dia da sociedade. A cursista 2 relatou:

[...] o meu primeiro contato foi por curiosidade, na questão como a gestão democrática, observando a direção de cada escola com os problemas que a gente tem, “[...] aí eu comecei a pesquisar e a ler, né, “[...] e na questão gestão popular foi por acaso, eu vi Sigaa, né, a abertura e vai ser bom pra mim aprender a trabalhar com meus alunos e me nortear, “[...] eixos norteadores, “[...] para que eu observe como é que eu vou trabalhar com esse público dentro do popular, “[...] o meu primeiro contato foi esse, [...].

Diferente da resposta anterior, esta evidencia a curiosidade de uma docente da educação básica com a questão da gestão e ao mesmo tempo seu primeiro contato com a educação popular por meio da extensão. A mesma como professora da educação básica expressa o desejo de aprender mais sobre esses temas e articular o democrático e o popular na escola pública. Nessa linha de raciocínio:

[...] destacamos a importância de discutir essa formação mediada pela extensão universitária, considerando, como já enfatizamos anteriormente, eixos teóricos da educação popular, movimentos sociais e políticas públicas afirmativas, as quais permitem reorientar uma atuação do profissional da Pedagogia de forma ética, política e social, fortalecendo o engajamento e o comprometimento com uma sociedade em que a educação seja uma ferramenta em defesa da democracia, autonomia e liberdade. (BEZERRA, 2019, p. 14).

Podemos observar em seu relato uma preocupação com a compreensão acerca da gestão democrática, visando por livre iniciativa aprofundar-se sobre o tema. Objetivando maior proficiência no quesito gestão democrática, a participante ao falar em “gestão popular”, mostra que teve o interesse em participar do curso de formação, devido a temática ter chamado sua atenção, pois estava interessada em obter elementos que pudessem ajuda-la no seu ambiente de trabalho, fica perceptível que a sua aproximação com a temática educação popular foi através do curso de extensão.

Dessa forma, se faz necessário salientar que na perspectiva da gestão democrática, fomenta-se que todos os sujeitos de certa maneira, envolvam-se com as demandas, problemas e processos existentes no espaço escolar, tendo como principal foco, a tomada de decisões coletivamente.

A cursista 3 relata que:

[...] só não identificava o conceito mais científico da palavra em si. [...] eu vim compreender a partir do nosso grupo, então a gestão democrática ela, ela me surpreendeu no curso e a questão da educação popular eu vim entendê-la melhor o conceito [...] na escuta eu sabia que trabalhava dentro de uma mesma perspectiva, então o curso ele veio fortalecer essa concepção [...].

Consideramos de suma importância esse novo olhar, que identificamos na fala da cursista, no que cabe a temática Educação Popular. O entendimento que a mesma apresenta é que o curso lhe auxiliou em um processo de autorreconhecimento como educadora popular. Esse é um movimento de atribuição de significados à práticas e experiências que a mesma já vivenciava em suas atividades educativas. Nessa perspectiva, “uma das características da educação popular consiste, pois, em recuperar o significado original do termo, tornando-o prática corrente na vida e no cotidiano dos grupos” (RODRIGUES, 1999, p. 24).

A cursista 4 relata que:

[...] foi a partir do momento em que o professor Marcos, junto com a sua equipe de estudo foi a minha escola... né? ...e fez uma explanação do curso de extensão, o que pretendia fazer e eu fiquei muito contente de poder participar desse curso de extensão, e aprender principalmente sobre essa gestão democrática que a gente não vivencia nas escolas. Não é?

Aqui cabe ressaltar a importância das visitas *in loco* que realizamos nas escolas do município de João Pessoa em 2019, junto à equipe de mobilização e abordagem do Projeto Prolicen e Probex.

Segundo a cursista 5:

[...] algumas coisas foram impactantes porque eram totalmente opostas à realidade em que eu estava enquadrada como gestora adjunta de escola estadual, então aquilo ali era, era um mundo muito diferente de tudo que eu estava vivenciando, então pra mim foi o primeiro impacto, de que eram coisas muito diferentes, enquanto para alguns que já tinham convivência, que já tinha estudado na área era algo que já estava no meio deles, mas pra mim não, porque pra onde eu estava tinham coisas que aconteciam extremamente opostas ao que era o ideal, ao que era o melhor pra que ela

comunidade então eu via uma com o curso de extensão e chegava na minha comunidade escolar era totalmente o oposto e como a maioria acaba fazendo pressão, diante da minoria que tinha algum esclarecimento, você tinha que ficar ali ver e aceitar porque não conseguiria mudar, mas também foi muito importante no outro sentido de que eu consegui dentro da minha limitação utilizar o que a gente via ali, pelo menos eu porque o meio não ajudava.[...]

Nesse sentido, Pimenta (1999, p. 26), assevera que:

[...] Os profissionais da educação, em contato com os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia, podem encontrar instrumentos para se interrogarem e alimentarem suas práticas confrontando-os. É aí que se produzem saberes pedagógicos, na ação.

Nesta explanação da cursista 5 identificamos o seu despertar para a realidade a qual estava inserida, visto que ao se deparar com as temáticas abordadas durante o curso de extensão, conseguiu reconhecer que detinha uma visão limitada no que cabia a sua prática no contexto escolar e passou reformular o seu pensamento de forma crítica. Constata-se, todavia, que todas as entrevistadas não só visavam construir conhecimentos, como também, aprimorarem suas práticas educativas nos espaços educacionais que estão inseridas.

Ao participarem do curso de formação e a partir das suas colocações podemos constatar a importância da dinâmica formativa, de modo a terem um arcabouço teórico e prático que atendam aos seus anseios. Desse modo, “a formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica” (PIMENTA, 1999, p. 30).

Conseguimos, constatar na análise prática que temas relacionados à educação popular e gestão democrática, precisam ser abordados e discutidos entres os profissionais de educação, como também com toda a comunidade escolar. Empiricamente, percebemos que os/as estudantes também ficam bem alheios aos processos de gestão, visto que os sujeitos do processo educativo estão enfrentando grandes desafios diante de um contexto de alienação e obscurantismo político. São discussões que envolvem temas como cidadania, democracia, educação de qualidade, por muitas vezes negados que podem contribuir com o processo de disputa ideológica vivenciado no presente momento histórico. Estamos diante de questões sociais e políticas, nas quais as relações humanas anseiam por uma transformação em diferentes níveis da esfera social. Dessa maneira, torna-se necessário:

[...] reconhecer a educação popular não só como concepção ou enfoque pedagógico, mas também como movimento e como prática educativa situada, leva-nos a reconhecer que as experiências concretas não estão orientadas exclusivamente por concepções, pensamentos e teorias pedagógicas elaboradas, mas também por ideologias, imaginários culturais, representações e crenças compartilhadas e reelaboradas pelos educadores populares (CARRILO, 2013, p. 19).

Enfatizamos, todavia, que a ação educativa alinhada a princípios da educação popular, bem como à concepção de gestão democrática, deverão ter uma postura de transformação, no qual os indivíduos interajam mutuamente. Assim sendo, a gestão democrática requer espaços de debates, nos quais a comunidade sinta-se pertencente àquele grupo. Logo, “a gestão democrática é uma prática fundada em preceitos participativos e políticos” (LIMA; PRADO; SHIMAMOTO, 2011, p. 7).

3.2 CONTRIBUIÇÕES DO FOGEP PARA COMPREENSÃO DOS CURSISTAS SOBRE GESTÃO DEMOCRÁTICA

A partir do relato da cursista 1 pudemos observar que no seu entendimento anterior à formação “[...] a gestão democrática, ela era a gestão eleita [...]”. A cursista reconhece hoje que embora a eleição dos gestores pela comunidade escolar seja um instrumento importante, por si só não garante a democracia no espaço escolar. Apesar das lutas pela conquista da gestão democrática que foram garantidas na Constituição de 1988, na atualidade ainda verifica-se a uma certa predominância do modelo de administração empresarial. A cursista ainda relatou que seu pensamento relacionado à gestão educacional estava restrito ao viés administrativo. Segundo Paro (2010, p. 765):

[...] é importante destacar que a noção de administração do senso comum, deixando de captar o que há de administrativo no processo pedagógico (ao limitar a administração às normas e procedimentos relativos à organização e funcionamento da escola), acaba por valorizar aquele que é o responsável direto pelo controle das pessoas que devem cumprir essas normas e realizar esses procedimentos: o diretor escolar.

É importante salientar que esses aspectos restritos puramente ao modelo administrativo empresarial, remete-se ao gerenciamento e controle.

De acordo com esse conceito mais abrangente de administração, a mediação a que se refere não se restringe às atividades-meio, porém perpassa todo o processo de busca de objetivos. Isso significa que não apenas direção,

serviços de secretaria e demais atividades que dão subsídios e sustentação à atividade pedagógica da escola são de natureza administrativa, mas também a atividade pedagógica em si – pois a busca de fins não se restringe às atividades meio, mas continua, de forma ainda mais intensa, nas atividades-fim (aquelas que envolvem diretamente o processo ensino-aprendizado). (PARO, 2010, p. 765).

Seu relato chama a atenção para a reconfiguração da sua concepção de gestão democrática após passar pela experiência do FOGEP:

[...] a gestão democrática, é uma gestão que responde aos anseios, aos pedidos. Né? ... daquele grupo específico. Não sei se grupo, daquele local, daquela comunidade que a escola está inserida e aí você começa a ter uma outra visão. [...] Então assim... eu consigo hoje fazer uma leitura diferente de gestão democrática. Né? ...dentro do ambiente escolar, e dentro da minha sala de aula, [...].

A partir da coleta de dos dados conseguimos perceber uma reelaboração na sua compreensão sobre gestão educacional. É inegável a mudança de consciência que a cursista 1 obtém. Sua visão, relacionada à gestão educacional foi ampliada e passou a fazer novas leituras, como também, vivenciá-la na comunidade escolar.

A cursista 2 relata o seguinte:

“[...] eu achava assim, eu não preciso votar, eu não preciso dar minha opinião, quando tá todo mundo ali, que são os efetivos... se eu que não sou efetiva para que dar minha opinião que não vai ser escutada? Né? [...]”.

Esse relato nos remete à importância e ao significado das discussões e debates acerca da gestão educacional. O diálogo crítico-reflexivo permite aos entes partícipes do processo a desmistificarem preconceitos e estabelecerem metas factíveis que contribuam ao seu modo para a democratização dos processos. Aqui também temos o relato de uma trabalhadora da educação que vivencia um contrato precarizado no serviço público. Como se já não bastasse o fato de não ser efetiva e todo o ônus que a situação acarreta à trabalhadora e ao próprio sistema, a mesma sequer se sentia partícipe das tomadas de decisões no âmbito da comunidade escolar.

A cursista 2 passou a demonstrar uma postura mais reflexiva quando expõe:

[...] eu vi muito trabalho dentro desse... dessa extensão, de professores que dava [sic] suas opiniões, que mostravam como trabalhar e como contribuir com a escola, e aí eu vi dentro do trabalho da gente, como participar das políticas públicas, como é participar de uma escolha de um diretor [...].

Na resposta da cursista 3 podemos detectar a contribuição pessoal, social e acadêmica do FOGEP, ao declarar que o curso de formação lhe proporcionou novo entendimento:

[...] eu digo que a contribuição... né? ...da FOGEP e como ela ampliou o meu trabalho, o meu lugar de estar, foi inclusive o meu mestrado. Né? Eu acho que uma das coisas que veio fortalecer foi esse caminho, a coragem de poder ir além do que a gente vivencia no dia a dia no espaço escolar, [...] mas dizer que a FOGEP, contribuiu sim. Eu vejo hoje os espaços de educação.

Ao relatar as contribuições relacionadas à gestão educacional adquirida na formação através da extensão universitária, a cursista 3 nos aponta para o quão significativo é a aproximação da Universidade com a sociedade através do processo formativo possibilitando construções e troca de saberes.

Diante de tudo isso, compreendemos que a Extensão Popular não é apenas uma área temática entre as várias que coexistem na extensão universitária. Significa um jeito diferente de pensar e conduzir esse trabalho social, que articula as ações de ensino e pesquisa com base na realidade percebida, graças à inserção ativa propiciada pela extensão. [...]. (CRUZ, 2011, p. 52-53).

Nesse sentido, esse retorno dos sujeitos ao ambiente universitário, mediante a extensão, nos revela o quanto é imprescindível que Universidade, enquanto instância formadora, viabilize uma ação educativa transformadora, levando em consideração as problemáticas vivenciadas na sociedade.

O relato da cursista 4 evidencia que as questões abordadas na formação, vieram a contribuir em sua prática docente, conforme expressou:

[...] esse curso ampliou nossa visão. Né? ...do que é estar na rede pública, é trabalhar para o povo no sentido de que nós vamos trabalhar para a população que procura o serviço público. Não é? Então nesse sentido, foi nos ampliando cada vez mais, desmistificando, trazendo novos conceitos, principalmente para mim. ...do que é ser um professor e estar na rede pública e tentar cada dia contribuir para que aquele jovem ele [sic] entenda a importância de ter conhecimento, de ter informação, de saber dos seus direitos [...], então toda essa questão de nós percebermos e entendermos melhor sobre a situação de trabalhar com a gestão popular a educação voltada para o popular [...] Um curso como esse que nós fizemos, voltado para entender o que é trabalhar com o povo. Né? ...com o público, com o popular e fazer com que ele não se esqueça que ele tem a força, mas que ele, para ter essa força, ele tem que ter um pouco de conhecimento sobre quem ele é, o que é ser cidadão, pelo menos. Isso aí é muito importante.

A postura crítica adotada pela cursista 4, assume certa ponderação, a despeito dos debates nos quais haja enfoque na gestão e educação popular, amplifica o norteamento não só nos aspectos conceituais, mas no engajamento social e político. Tal compreensão surge como um caráter fundamental na formação cidadã. Nesse sentido, “o que distinguiria, então, a educação popular das outras variedades de educação seria a sua proposta e práxis direcionadas para a efetiva transformação do homem, da sociedade e do Estado” (RODRIGUES, 1999, P. 24).

De acordo com a cursista 5 “[...] o reflexo da FOGEP na questão da minha visão como gestão educacional, foi exatamente nessa humanização da gestão, [...] penso que gestão educacional com uma coisa muito limitada e a FOGEP conseguiu abrir essa mente, [...]”. O relato da Cursista 5 evidencia a reelaboração do seu entendimento, acerca da gestão educacional, durante o processo formativo. A mesma relata que:

[...] a experiência do pessoal que estava presente, sempre que era levantado algum tema que alguém que tinha conhecimento desse tema ou vivenciava conseguia passar a experiência dele, elencar situações, isso trazia, isso muito mais perto da gente, a gente ficava muito mais fácil de refletir sobre o próximo, [...] nesse sentido, a FOGEP trouxe um olhar humanizador, diante da gestão educacional pra mim.

Ela exprime uma dimensão notadamente humana, que remete ao compartilhamento de saberes, trocas de experiências e conhecimento compartilhado. Característica fundamental de nosso processo de hominização, evolutiva e histórica. Assim, “a educação sob a égide da gestão em seus primeiros passos, ainda que não houvesse signos para delimitá-las. [...] a união e a solidariedade multiplicam energias e forças, para a consecução de objetivos inatingíveis pelo indivíduo solitário [...]” (RODRIGUES, 1999, p. 18).

3.3 CONTRIBUIÇÕES DO FOGEP PARA A PARTICIPAÇÃO DOS CURSISTAS NA GESTÃO ESCOLAR

Nesta etapa da interação a proposta era discutir as contribuições das ações desenvolvidas no curso de formação (FOGEP), através da Extensão Universitária, com a inserção dos cursistas no ambiente escolar.

A cursista 1 relata: “[...] eu não sou gestora, como eu disse antes, então, é a experiência que ele me traz, é enquanto gestora da minha sala de aula [...]”. Este trecho nos

traz um aspecto importante que é a gestão da sala de aula como dimensão do trabalho docente. Outro aspecto do trabalho docente é a lida com a gestão, a relação que o docente pode estabelecer com a gestão de sua escola, em uma perspectiva crítica. Nesse sentido ficou evidente a contribuição do FOGEP, visto que a educadora, passou a ter o entendimento de que mesmo ela, não sendo diretora, ela era gestora dos processos em sua sala de aula.

Em um primeiro instante, percebemos na elaboração da resposta, uma compreensão de cunho hierárquico, características do taylorismo-fordismo, em que a administração significa o controle do trabalho alheio.

Se o taylorismo-fordismo domina o mundo da produção, a nova escola das Relações Humanas se estrutura via novas premissas e novos guardiões de manutenção da máquina humana. Ocupa-se da seleção, do treinamento, do adestramento, da pacificação e ajustamento da mão de obra para adaptá-la aos processos de trabalho organizados. (CORRÊA; PIMENTA, 2011, p. 28).

Essa citação, versa com a fala mencionada abaixo da Cursista 1, quando a mesma expõe que: “[...], é como se você, tudo que você aprendeu, você não conseguisse viver, porque, você, isso não depende de você, depende de outras pessoas que estão ali, [...]” (Cursista 1). Nesse sentido, fazer Extensão popular é propor mudanças na sociedade nas relações educativas nela presentes. Significa não apenas pensar, mas fazer diferente. E lutar contra todo tipo de verticalismo, autoritarismo, hierarquia, irracionalidade, exploração e desumanização. (CRUZ, 2013, p. 61).

Num segundo momento tal entendimento ressurge, imprimindo certo receio, geralmente percebido em modelos administrativos que visam o verticalismo, em detrimento das boas práticas nas relações democráticas.

A cursista 1 ainda relata:

“[...] às vezes eu digo, vamos chegar mais junto dos professores, eu conversei muito com a assistente social da escola esses dias e perguntei: o que é que está acontecendo que vocês não chegam junto das pessoas? Né? ...dos professores [...]”.

O trecho demonstra a dificuldade na comunicação entre especialistas e docentes e como as formações do FOGEP foram contribuindo para a construção dessas relações comunicativas.

A cursista 2 relata:

“[...] eu tô mais próxima da direção. Antes eu sempre ficava mais distante. Né? Eu não queria muita aproximação, meia [sic] tímida e depois desse

curso com vocês eu me abri mais, e aí me aproximei mais, houve uma aproximação da gestão comigo, por causa dos conhecimentos e até mesmo, eu me tornei mais, eu fiquei até com uma função diferente, agora eu sou mediadora [...]. Estou dentro dessa mediação, então pra mim, foi fundamental a extensão, os conhecimentos, as dúvidas e até os meus medos ficou [sic] mais fácil de enfrentar [...]. Então, foi através da extensão que eu, é... consegui habilidades. Né? ...capacidade de trabalhar com a equipe técnica da escola e com a gestão e com os pais de alunos, através desse conhecimento que eu consegui através da... da extensão, pronto.

No fragmento lido, percebemos a construção de uma perspectiva motivada ou atribuída ao processo formativo da extensão que possibilitou impactos positivos nas relações profissionais e sociais da cursista, características inerentes à extensão como ferramenta para transformação pela educação. O FOGEP permitiu a cursista identificar espaços de abertura e diálogo e ao perceber esses espaços, ela investiu na sua participação. Nessa direção, Carrilo mostra que:

[...] a construção de um pensamento e de subjetividades alternativos só é possível a partir do diálogo entre pessoas que, a partir de suas singularidades e, diferenças, compartilham a vontade e o interesse de transformar a realidade [...] (CARRILO, 2013, p. 29).

Ao refletir sobre as contribuições do FOGEP para sua inserção na gestão da escola, a cursista 3 responde:

[...] processo de conscientização do lugar que você está, você vai levar esse pensamento crítico aos demais, [...] mas o que eu trago da experiência da contribuição da... do... desse curso de extensão, foi o despertar popular para os demais daquele espaço [...] Tudo que foi discutido [...], dentro do grupo de extensão, foi a gente poder debater, escutar, eu tenho uma opinião, você pode me escutar, porque eu quero ajudar na tua gestão, [...]. Então assim, quando eu comecei a tentar contribuir, que eu já venho tentando há muito tempo e não é uma gestão aberta, [...] esses espaços que... que a gente tem dentro da nossa comunidade, também é gestão escolar. Né? Por isso, que no dia que a gestão foi escolhida pela sua comunidade conscientizadora, nós vamos mudar muito sobre esse processo de transformação educacional que o curso da extensão trouxe para minha pessoa e tenho certeza que para as outras também, a contribuição foi tão boa que exagerou, no meu espaço escolar, é isso.

Dessa forma é inegável a problematização que o curso da FOGEP propôs através de uma construção coletiva, vislumbrou uma postura de empoderamento individual a cursista 3 diante das questões complexas existentes nos espaços na qual está inserida.

[...] a conscientização não significa um ato mecânico, instantâneo, de tomada de consciência da realidade. Ela é um processo construído por momentos onde se caminha do nível espontâneo e ingênuo, que ocorre quando a pessoa se aproxima da realidade, para uma tomada de consciência. (GOHN, 2013, p. 35).

A cursista 4 destaca o poder da fala que precisamos exercer democraticamente no ambiente escolar. Percebe-se aqui a compreensão do saber se colocar nas questões do cotidiano escolar. Em relação ao papel da gestão escolar, no que se refere a sua amplitude, que vai além do administrativo e financeiro, uma vez que não se pode ignorar a função social no entorno, estendendo-se a comunidade na qual está inserida:

[...] eu não sei ficar calada, então é o único poder que eu tenho é a minha voz, nós temos que pensar pelo menos pra responder diante das situações, [...] que nós enxergamos como inadequadas para a situação, [...] eu tentei mostrar, a escola a gente quem assume, quem se disponha a assumir uma gestão, tem que compreender que ela agora toma conta de uma comunidade, não é um cargo burocrático apenas. Né?. [...] também eu, eu, abri o verbo disse: “olha estou falando pra você, gostaria de ter falado olhando na sua, no seu rosto, mas infelizmente você não estava na escola [...], então estão devendo a parte pedagógica e uma escola não se faz de papel, né verdade gente?, porque nós trabalhamos durante 2 (dois) anos sem papel praticamente em algumas situações e escola não se faz de papel.

O relato da cursista 5 nos chama a atenção, devido ao modo como os saberes que a mesma relata ter se apropriado no curso de extensão está sendo reconfigurado em seu novo espaço de trabalho:

[...] o órgão que eu estou, ele promove cursos também, então na minha função eu tento também estar apresentando esses cursos [...] eu acho que isso dá pra subentender com relação ao meu caso hoje em dia com o órgão que promove cursos e também pra parte escolar mesmo, em escola. [...] Então isso tem diferença, o seu público faz diferença, e a visão que a FOGEP me trouxe foi muito importante pra isso, adaptar o que eu vou fazer para o público que eu tenho.

A cursista relata a necessidade de contextualizar sua prática e rearticular em função dos saberes que se apropriou ao longo da formação. Nessa perspectiva, os relatos sinalizam algum nível de transformação no entendimento e nas práticas. Diante disto, concordamos com Cruz (2013, p. 48), ao dizer que “no campo da Extensão Popular, Educação Popular significa

um jeito de estar no mundo, de pautar relações humanas e sociais, de conduzir o processo de trabalho, o processo educativo”. Segundo Cruz (2017, p. 22): Extensão Popular é também um processo educativo, orientado não por qualquer perspectiva, mas por aquelas correntes educacionais norteadas pela categoria do popular, que se cristalizam na Educação Popular.

A Educação Popular, nos leva a refletir sobre questões que envolvem a busca pela participação cidadã e democrática, portanto igualitária e permeada das relações entre a sociedade civil, representantes, ONG’s e entidades governamentais.

Ao observarmos as contribuições da educação popular, por meio da extensão direcionada a gestores escolares, pode-se observar o quanto foi essencial essa troca de conhecimento e experiência que os participantes do FOGEP obtiveram através desta associação entre gestão democrática, educação popular e extensão universitária, estas mesmas identificadas através das entrevistas no grupo focal, identificamos o amadurecimento das discussões, visto que, ao argumentarem, todas as entrevistadas, relataram a importância da sua participação nesse curso de formação ao retornarem aos espaços de pertencimento.

As análises pontuais das entrevistas, apontam as várias dificuldades para compreensão dos temas propostos pelo curso, contudo estas mesmas dificuldades foram superadas e transformadas em entendimento além de solução para os vários problemas que permeiam o ambiente escolar e seu entorno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação desta pesquisa, circundada pelo tema explorado até a presente exposição possibilitou compreendermos as contribuições extensionistas. Essas foram aprimorados pelos discursos e ações imbuídas de valores, próprios da Educação Popular. Tais discursos e atos verificam-se como operadores ante o tempo e as peculiaridades de cada sociedade, percebidos como ferramentas de transformação desta última.

Essa sistematização contextualizada, nos auxilia a adentrar as considerações finais, desta pesquisa, uma vez que ao estruturar a temática a ser elaborada e apresentada no meu Trabalho de Conclusão de Curso, avaliamos que seria importante que estivesse relacionado ao projeto de extensão ao qual estava inserida.

Concomitante a isso, é fulcral neste momento explicar a relevância de experienciar o desenvolvimento do curso de formação, desde a sua feitura, bem como a sua execução que se configurou de maneira valiosa para o meu fortalecimento pessoal, acadêmico e profissional, sem esquecer da significância para as(os) cursistas do FOGEP, Assim sendo, com base nos dados coletados e sistematizados, pode-se destacar as relações estabelecidas entre o saber empreendido e as práticas próprias do cotidiano, as quais puderam ser transformadas através do conhecimento adquirido em cada encontro semanal em uma ação coletiva.

Nesse processo formativo, ao estarmos na construção do conhecimento no contexto da Educação Popular, conseguimos compreender o quanto é desafiador idealização de uma prática pedagógica problematizadora que visa promover uma educação libertadora. Nesse sentido Scocuglia (2014, p. 9) fala:

o processo de construção coletiva do conhecimento (que tem na pesquisa seu caminho fundamental) seria mediado por ações dialógicas e, desta ótica, sua construção não deveria ser uma doação dos supostos detentores exclusivos do saber elaborado/escolar, mas sim, um instrumento da ação conjunta de todos os atores/autores que precisam exercer o direito de escolher, de optar, de refletir, de opinar e de ajudar a construí-lo.

A Educação Popular deve afastar-se do olhar de escolarização popular e sim procurar propiciar alternativas criativas, reflexivas e críticas, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorporando o saber como ferramenta de libertação nas mãos dos sujeitos, buscando o protagonismo na sociedade. Sendo assim, a Educação Popular requer um pensar problematizador e um comportamento democrático, na qual propicie transmutação na práxis educativa enquanto prática que visa a formação do ser humano.

Ao conectar o contributo da Educação Popular ao projeto extensionista, observa-se que todas as ações promoveram o despertar para a relevância dessas discussões não só no ambiente acadêmico, como também se verificou uma interlocução efetiva com os profissionais da educação ao participaram do curso de formação para gestores escolares.

Percebe-se nas falas das cursistas o reconhecimento de que houve apropriação dos saberes, a construção de uma visão democrática e o fortalecimento de sua participação no ambiente a qual estão inseridas. Percebe-se que os seus engajamentos não estão inclusos somente dentro dos limites da gestão escolar, onde também abrange a comunidade, o seu entorno e os seus pares. Os depoimentos ao longo da entrevista exprimem a quão ampla são as discussões que envolvem a gestão democrática no âmbito escolar.

As cursistas demonstraram um aproveitamento significativo do curso de formação, ao demonstrarem conhecimentos construídos. Esta percepção se evidencia em suas falas na qual afirmam conhecimentos adquiridos que lhes proporcionaram uma análise autocrítica, bem como o entendimento dos elementos constituintes da gestão escolar e de entes que possam gravitar sob sua influência.

Em suma, acredito que o meu objeto de estudo, ao qual me dispus a pesquisar é relevante e significativo à sociedade, compreendo que há muito a ser pesquisado sobre temáticas que envolvem a Extensão Universitária, Educação Popular, Gestão Educacional e Formação de Gestores escolares, sendo esse TCC mais uma contribuição. Espero que a partir dessa sistematização possamos levar a uma reflexão da relevância de se fomentar novas ações na extensão, de modo a quebrarmos as barreiras existentes entre universidade e sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE. **As concepções e práticas atuais de Gestão Educacional em uma escola privada em João Pessoa-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2052>>. Acesso em: fev. 2020.
- ALCANTARA, M. A. Miranda; CARLOS, Erenildo João. Algumas assinalações sobre a Educação Popular. **In: Temas em Educação**. João Pessoa, Brasil, v. 27, n.1, p. 128-145, jan/jun 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.23597003.2018v27n1.33512>>. Acesso: 25 de out. de 2019.
- ALCANTARA, Raquel Rocha Villar de. **O discurso sobre o uso pedagógico do desenho na Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA)**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14023>>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- ALVES, Maria Lígia Isídio. **Os saberes nas práticas pedagógicas da educação de jovens e adultos: um estudo para além do livro didático**. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9910>>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitativo%20e%20qualitativo%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%Bado.pdf>>. Acesso em: maio de 2020.
- BARROS, Stefani Caroline Silva de. **Educação Infantil, Supervisão Educacional e Participação Democrática: um estudo com os profissionais das creches do município de Cabedelo-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14073/1/SCSB16012019.pdf>>. Acesso em: abril de 2020.
- BEZERRA, Isabela Ludimila de Oliveira. **A Educação Popular em uma experiência orientada pela extensão universitária no espaço institucional e sua influência na formação em pedagogia**. João Pessoa, 2019. p. 23-24 Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15259/1/ILOB31052019.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.
- BOTELHO, Bruno Oliveira de. **Extensão popular: debatendo autonomia e participação em hortas urbanas no PINAB/UFPB**. João Pessoa, 2017. Disponível em: <[file:///home/usuario/Downloads/Arquivototal%20\(1\).pdf](file:///home/usuario/Downloads/Arquivototal%20(1).pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso: 19 de fev. de 2020.

BRASIL. MEC, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/9394/96**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso: 19 de fev. de 2020.

BRASIL, **Lei nº 785/49 de 20 de agosto de 1949**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/1785.htm>. Acesso em: 25/10/2020.

BRASIL. MEC, **Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica**: orientações gerais. 2005. Disponível em: <file:///home/usuario/Downloads/Red_Nac_form_continua.pdf>. Acesso em: 07/02/2020.

BRASILEIRO, Carla Santana dos Santos. **Uma análise da Gestão Democrática na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Raimundo Nonato da cidade de João Pessoa - PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11086>>. Acesso em: 03 de maio de 2020.

BRUTSCHER, Volmir José. Educação (popular) e contradições. In: **Extensão popular: educação e pesquisa** / José Francisco de Melo Neto; Pedro José Santos Carneiro Cruz, organizadores.- João Pessoa-PB: Editora do CCTA, 2017. 262p. 42-75.

CARBONARI, Maria. PEREIRA, Adriana. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade**. São Paulo, setembro de 2007. Base de dados do Anhanguera. Disponível em: <file:///home/usuario/%C3%81rea%20de%20Trabalho/ARTIGO%20%2010%20DIAS/2133-Texto%20do%20artigo-8194-1-10-20150710%20(1).pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

CARNEIRO, Moaci Alves. **Extensão Universitária Versão & Perversões**. 1985. Ed. Presença Edições. Rio de Janeiro.

CARRILLO, Afonso Torres. A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STREK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). **Educação Popular: lugar de construção social e coletiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p. 15-32. Acesso em: 21 de maio de 2020.

CORRÊA, Maria Laetitia; PIMENTA, Solange Maria. Teorias da administração e seus desdobramentos no âmbito escolar. In: **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira (organizadora). 8. Ed. – Petrópolis, RJ :Vozes, 2011.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. A extensão popular: a reinvenção da universidade. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (organizadores). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. - São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 2011. p. 40-61.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. Extensão Popular: Situando a Extensão Universitária orientada pela Educação Popular. In: **Extensão popular: caminhos em construção** / Pedro José Santos Carneiro Cruz...[et al.], organizadores.- João Pessoa-PB: Editora CCTA, 2017. 242p. P. 19-29. Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

DANTAS, Priscila Mayara Santos. **Mulheres em movimento: experiências e organizações de mulheres no Seridó e Curimataú paraibanos (1990-1999)**, 2017, 129 f. Dissertação

(Mestrado em História)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9510>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FALCÃO, Sayonara Leite. **O celular na sala de aula:** possibilidade para os multiletramentos na educação de jovens e adultos. 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) -Universidade Federal da Paraíba,2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9633>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FERNANDES, Angelica Pereira de Lima. **Gestão Democrática e o papel do conselho escolar:** um estudo de caso numa escola pública de João Pessoa – PB.2015. f. 47. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1844/1/APLF29112016>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

FORPROEX, Política de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus, Maio. 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%AAdtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 05 de fev. de 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?.** 7ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro,1983.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Métodos das ciências sociais. Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-etc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 09 de maio de 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, V.35, n.2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

GOHN, Maria da Gloria. Educação Popular e Movimentos Sociais. In: STREK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). **Educação Popular:** lugar de construção social e coletiva. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p. 33-48. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto; VIEIRA, Carina Silva; **Extensão Universitária no período da ditadura:** concepções e relações com a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento. Antíteses, v. 8, n. 15, p. 269 - 291, jan./jun. 2015. Disponível em: <<file:///home/usuario/Downloads/20883-99876-1-SP.pdf>>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

JOÃO PESSOA. **Lei no 13.035, de 19 de junho de 2015.** Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação 2015 – 2025. João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-municipal-de-educacao-joao-pessoa-pb>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2019.

KINALSKI, DDF, et al. **Grupo focal na pesquisa qualitativa:** relato de experiência. In: Rev Bras Enferm [Internet]. 2017 mar-abr;70(2):443-8. 445. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reben/a/xmD5VcJYFMg5hgYm4QLkzrQ/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

LIMA, Antonio Bosco de; PRADO, Jeovandir Campos do; SHIMAMOTO, Simone Vieira de Melo. **Gestão Democrática, Gestão Gerencial e Gestão Compartilhada: Novos Nomes Velhos Rumos**. 2011. P. 1-13. Disponível em: <<https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0069.pdf>>. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

LIMA, Alanna Oliveira de. SILVA, Suênia Pessoa da. **Gestão democrática e condições de trabalho docente**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3435/1AOL0102018.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

LIMA, Jamile de Moura. **Gestão escolar: delineando seu formato democrático e participativo e suas possíveis formas de materialização**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3373>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

LIMA, Maria da Luz dos Santos. **Projeto comunitário – PROCEP (1987-1994) no assentamento Baixio-Riachão PB: uma experiência de educação popular do campo**. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8752/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LIMA, Renata Domingos. **Gestão de processos aplicados a uma instituição de ensino público**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2073/1/RDL12092017.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

LUCK, Heloísa. **A Evolução da Gestão Educacional a partir de mudança paradigmática**. Publicado na revista Gestão em Rede, no. 03, nov, 1997, p. 1-7. Disponível em: <http://cedhap.com.br/wp-content/uploads/2013/09/ge_GestaoEscolar_02.pdf?iframe=yes&iframe=true>. Acesso: 06 de junho de 2021.

LUCK, Heloísa. Perspectivas da gestão educacional. In: LUCK, Heloísa. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional**. 7ª edição. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. 2011. P. 23-64. Acesso: 30 de novembro de 2021.

MARINHO, David glasiel de Azevedo. **Vozes de uma história interdita: a educação popular e os direitos humanos na práxis da CEPLAR 1960-1964**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12999/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MARQUES, Helen Dayane Missias. **Gestão escolar democrática: a gestão participativa e a autonomia da escola pública**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4093/1/HDMM19032018.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

MELO, Ana Lúcia Domingos. **A Gestão Democrática na escola pública**: estudo de caso numa escola no município do Conde-PB. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3775>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão Poupular na organização do currículo. In: **Extensão Poupular**. José Francisco de Melo Neto. 2. Ed. – João Pessoa: Editora UFPB, 2014. 122p.

NUNES, Micheline Sheila Lima. **Gestão na Escola Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado**: a fala de seus gestores sobre o processo de avaliação e atuação do Conselho de Classe. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3605>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

PARO, Vitor Henrique. A Educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor da escola. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.3. p. 763-778, set./ dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a08.pdf>>. Acesso em: fev. de 2020.

PEREIRA; Gilson R. de M. ANDRADE; Maria da Conceição Lima de. A construção da administração da educação na RBAE (1983 – 1996). In: **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAE)** / Associação Nacional de Política e Administração da Educação; Editora: Maria Beatriz Luce. -Porto Alegre: ANPAE, 1997-. V 13, n. 1 (jan./jun. 1997). Acesso em: 20 de setembro de 2021.

PESSOA, Jany Raquel de Oliveira; BARBOSA, Nildelane da Silva. **Gestão escolar na educação do campo**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa João Pessoa: 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3641/1/JROP05022018.pdf>>. Acesso em: 20 de mar de 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. **Saberes pedagógicos e atividades docente** / textos de Edson Nascimento Campos ... [et al.]; Selma Garrido Pimenta (organização). - São Paulo: Cortez, 1999. – P. 15-34 (saberes da docência). Acesso em: fevereiro de 2020.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. In: **Revista Poiesis** – Volume 3, N. 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/10542/7012>>. Acesso em: 11 de fev. de 2020.

SÁ, Estácio André Anacleto de. **Desafios no gerenciamento de escolas públicas municipais para o cumprimento do Projeto Político-Pedagógico**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/4306>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SANTOS, Fabíola Ramalho dos. **Gestão escolar na perspectiva da pedagogia de projetos:** interlocuções e práticas em uma escola do campo. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13925>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SANTOS, Sílvia Karla Batista de Macena Martins dos. **Educação popular e educação do campo:** relação entre teorias e práticas na formação de educadores no curso de pedagogia – educação do campo/UFPB. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9889>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SANTOS, Tays de Sousa. **A Avaliação da Aprendizagem na Perspectiva da Educação Popular:** contribuições para a ressignificação da prática pedagógica na educação de jovens e adultos. João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14192>>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo. Exclusão Social e Educação Popular no Brasil-500. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo. **Educação Popular outros caminhos.** Editora Universitária UFPB. 1999. P. 101-110. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. PAULO FREIRE e a Pedagogia da Pesquisa. In: **Revista EJA em debate.** Edição Especial – Ano 3, n. 4 (2014). Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1499>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2021.

SILVA, Adeilton Santos da. **Gestão educacional:** construindo parâmetros na prática participativa da gestão escolar da E. E. E. F. José Vieira. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14148>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SILVA, Aline de Araújo. **Desafios da gestão escolar:** meios e possibilidades da atuação do gestor na rede pública de ensino. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14164>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SILVA, Ana Célia da. **O trabalho do gestor na escola pública:** numa perspectiva democrática. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4101/1/ACS19032018.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SILVA, Conceição Cristina Pereira da. **A prática educativa da extensão rural no campo da reforma agrária: aproximações com a educação popular.** 2017. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9784>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SILVA, Denis Raylson da. **Sentidos e formas de participação em processos de gestão democrática.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2083>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

SILVA, Fátima dos Santos. **Desafios da gestão escolar: percepção dos alunos do ensino médio sobre o processo de gestão democrática na escola pública**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4549/1/FSS19072018.pdf>>.

Acesso em: 02 de maio de 2020.

SILVA, Jeane Tranquelino da. **Projeto Sal da Terra: um estudo acerca da Experiência de Formação Continuada para Educadores (as) da Educação de Jovens e Adultos**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9895>>.

Acesso em: 30 mar. 2019.

SILVA, Maria Alda Tranquelino da. **Saberes docentes construídos na prática pedagógica de professores da EJA Indígena Potiguara na Baía da Traição – PB**. 2017. 170 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9769>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SOUZA, Andressa Raquel de Oliveira. **Quando a vida ensina a ser resiliente: um estudo sobre mulheres vítimas de violência no município de João Pessoa- PB**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13162/1/Arquivototal.pdf>>.

Acesso em: 30 mar. 2019.

SOUZA, Ellen Susany Santos de. MEDEIROS, Karla Danielly Martins de. **Implicações da Gestão Democrática na qualidade da Educação**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11162>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

RODRIGUES, Luiz Rodrigues. Como se conceitua a Educação Popular? In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo. **Educação Popular outros caminhos**. Editora Universitária UFPB. 1999. P.11-30. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação Popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (organizadores). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. - São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 2011. p. 15-24. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação Popular na universidade. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão. CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (organizadores). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. - São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 2011. p. 15-24. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

APÊNDICE

Transcrição da entrevista – GRUPO FOCAL – FOGEP

Entrevistadora: 1 – Como foi o primeiro contato de vocês com as temáticas da gestão democrática e da educação popular?

Cursista nº1: Vou começar que eu sou a tagarela.

Então, boa tarde, eu sou professora da rede básica, da educação básica de João Pessoa, professora polivalente, e o meu contato foi desde a escrita do meu TCC que eu pesquisei a educação do campo dentro da educação popular e assim, e posteriormente eu fui coordenadora de 24 escolas do campo no meu município, então meu primeiro contato com a educação popular foi essa né, da minha formação e do meu primeiro trabalho, então quando eu resolvi procurar esta formação em gestão em educação popular é porque eu sentia necessidade profissional de conhecer né os marcos legais, é os eixos norteadores desse trabalho, então foi muito proveitoso pra mim, enquanto profissional e enquanto ser essa formação.

Cursista nº 2: Boa tarde a todas, eu sou professora de matemática da rede pública né, e a minha o meu primeiro foi por curiosidade, na questão como a gestão democrática observando a direção de cada escola com os problemas que a gente tem, então quando falava uma gestão democrática eu tinha curiosidade, porque quando dizia gestão democrática a gente tinha que obedecer todas as regras, aí eu comecei a pesquisar e a ler né e às vezes discutir sobre gestão democrática dentro da escola e na questão gestão popular foi por acaso, eu vi Sigaa né a abertura e vai ser bom pra mim aprender a trabalhar com meus alunos e me nortear, como ela falou aí, eixos norteadores, pra que eu tenha uma direção, para que eu observe como é que eu vou trabalhar com esse público dentro do popular, numa linguagem, quais são as linguagens, quais são os tópicos, aí a minha o meu primeiro contato foi esse, entenderam?

Cursista nº3: Então sou educadora no sistema prisional, hoje eu estou mestrandando, é com relação ao tema que está sendo proposto aqui, é, eu já tinha já tinha escutado, eu já tinha vivenciado na minha caminhada, eu só não identificava o conceito mais científico da palavra em si né, eu acho que na prática a gente já vivencia muito né, a gente fala muito dessa questão da, da, dessa, dessa situação e dessa vivência mais de gestão democrática é muito mais distante né, eu vim compreender a partir do nosso grupo, então a gestão democrática ela me, ela me surpreendeu do curso e a questão da educação popular eu vim entendê-la melhor o conceito muito mais técnico né, porque a gente vivencia no nosso trabalho, algumas pessoas obviamente dentro do nosso grupo, a maioria, na escuta eu sabia que trabalhava dentro de uma mesma perspectiva, então o curso ele veio fortalecer essa concepção, agora o distanciamento de gestão democrática, é, foi totalmente assim diferenciada, porque assim, como a nossa colega acabou de falar, a gente entende a palavra democrática né, como se de fato acontecesse nos nossos espaços, quando na verdade a gestão é muito mais do que a gente imagina, então esse conhecer veio dentro dessa proposta, da do curso mesmo, do conhecer, do aprofundar veio daí.

Cursista nº4: Boa tarde, meninas, sou professora de língua portuguesa do ensino básico tanto da rede municipal de João Pessoa quanto do Estado, e a oportunidade que eu tive de entrar em contato com essa temática, foi a partir do momento em que o professor Marcos, junto com a sua equipe de estudo foi a minha escola né, e fez uma explanação do curso de extensão o que pretendia fazer e eu fiquei muito contente de poder participar desse curso

de extensão, e aprender principalmente sobre essa gestão democrática que a gente não vivencia nas escolas não é?; e foi importante como as próprias colegas já colocaram, entender toda historiografia do que é uma educação voltada para uma gestão democrática, aprendemos muito com isso foi muito importante essa parte acadêmica do conhecimento e nos proporcionou ter uma visão mais ampla, e tanto na situação não só de gestão democrática como gerir a instituição, mas como gerir a nossa aula, diante das possibilidades de abrir a mente dos nossos alunos através de conhecimento e desde o dia que eu entrei nesse curso, que eu levantei a bandeira e nas minhas aulas eu sempre tento é trabalhar para que o aluno entenda a importância da democracia, a importância de conhecer seus direitos, de lutar por uma cidadania digna e democrática e não deixar que isso se estinga em nosso país né.

Cursista nº 5: É que no caso, o meu contato com gestão democrática a partir do curso de extensão, foi importante em dois sentidos que foi o de: pra mim algumas coisas foram impactantes porque eram totalmente opostas à realidade em que eu estava enquadrada como gestora adjunta de escola estadual, então aquilo ali era, era um mundo muito diferente de tudo que eu estava vivenciando, então pra mim foi o primeiro impacto, de que eram coisas muito diferentes, enquanto para alguns que já tinham convivência, que já tinha estudado na área era algo que já estava no meio deles, mas pra mim não, porque pra onde eu estava tinham coisas que aconteciam extremamente opostas ao que era o ideal, ao que era o melhor pra que ela comunidade então eu via uma com o curso de extensão e chegava na minha comunidade escolar era totalmente o oposto e como a maioria acaba fazendo pressão, diante da minoria que tinha algum esclarecimento, você tinha que ficar ali ver e aceitar porque não conseguiria mudar, mas também foi muito importante no outro sentido de que eu consegui dentro da minha limitação utilizar o que a gente via ali, pelo menos eu porque o meio não ajudava, mas utilizar com os alunos, com a comunidade escolar, os preceitos, os conceitos que estavam sendo abordado dentro da gestão democrática, acho que é isso.

Entrevistadora: 2 – Avaliem em que medida as questões abordadas no Curso do FOGEP contribuíram com a ampliação do entendimento sobre gestão educacional.

Cursista nº 1: Então, é porque eu cheguei na minha cabecinha com a ideia que a gestão democrática ela era a gestão eleita, o meu conceito de democracia dentro de uma gestão escolar, ela se resumia a isso, né, e quando no decorrer do curso você vai entendendo ah, o que realmente é gestão democrática, você vai começar a entender que a gestão democrática, é uma gestão que responder aos anseios, aos pedidos né, daquele grupo específico, não sei se grupo, daquele local, daquela comunidade que a escola está inserida e aí você começa a ter uma outra visão, não sou gestora escolar, é, por enquanto, eu não tenho essa meta de vida, eu não quero, mais assim dentro da minha sala de aula, eu vejo que o curso ele foi muito rico pra mim, sabe, por quê, eu tinha muito aquela ideia, e eu digo isso, que sem medo de apontar o dedo pra mim, que eu sou professora, eu sou a lei, só que eu não sou a lei, eu trabalho de acordo com a lei, mas eu não sou a lei, então ali tem seres humanos, tem pessoas, principalmente que esse curso parece que ele veio para nos preparar para essa pandemia, sabe eu acho que as coisas acontecem, de uma coisa muito, como é que eu posso dizer, foi uma junção de uma energia, porque foi um momento muito difícil pra todo mundo, que é professor, tenho certeza pra quem é gestor, acho que aqui no grupo da gente hoje não tem nenhum gestor, mas assim eu precisava ter o conhecimento que o curso me trouxe, para que eu pudesse avançar também enquanto profissional nesse período pandêmico, como profissional, como

professora, então assim eu consigo hoje fazer uma leitura diferente de gestão democrática né, dentro do ambiente escolar, e dentro da minha sala de aula, e assim como as meninas comentaram na questão anterior, a gente vê que tem muita coisa muito distante, não só pelo fato do gestor não ser mais eleitos, mas assim das ideias estão vindo de cima pra baixo, como sempre vieram, a Secretaria de Educação ela tem nesse momento, é eu falo pela realidade de onde eu estou vivendo né, tem cobrado muito gestores muita documentação, muita burocracia, infelizmente isso tem respingado no trabalho dos gestores, dentro das próprias unidades escolares né, na questão de formação do professor, de acompanhamento pedagógico, então eu acho que assim, por um lado foi muito bom pra mim, porque eu entendi ,eu aprendi e conseqüentemente eu mudei, mas também o sistema que a gente tem inserido hoje ele tem sido muito complexo pra uma vivência digamos de uma gestão, gestão democrática de verdade.

Cursista nº2: É na questão da contribuição e ampliação da gestão educacional, se eu for falar, eu vou falar do curso, que a gente fez aí na extensão, minha sorte, porque aqueles dias que a gente estudou e que abriu o Meet, que eu vi o problema da própria equipe com o Meet e com o Zoom, foi quando entrou a pandemia mesmo na escola, ninguém sabia mexer, né, com esse sistema e aquilo que eu aprendi com vocês e com o professor Marcos, me ajudou muito a entender, trabalhar com as novas tecnologias, aí na questão da gestão, a gestão amou, na questão esse conhecimento que eu trouxe pra dentro da escola Chico Xavier, porque naquele momento ninguém estava sabendo como fazer, como é que dava uma aula online, então eu e mais duas colegas, dentro do que eu aprendi com vocês e com o professor Marcos, então eu passei aquele conhecimento que era do Zoom, porque também a diretora deixou a gente assim, façam, e a gente tem que fazer (rs), e aí eu disse pronto eu sei fazer desse jeito, eu vi lá no grupo fazendo, eu vi o professor, uma hora o professor Marcos, ele também teve uma dificuldade com o Meet ou foi com o Zoom, eu vi o pessoal da equipe tudo junto ali, um trazia a ideia e falava como é que tinha feito, qual era o aplicativo que estava usando, então aí me ajudou no meu trabalho, a direção deixou que os professores é trabalha-se com sabiam e no momento ninguém estava sabendo porque também a prefeitura não nos orientou né isso? Então, aí essa gestão me abriu as portas para o meu trabalho daquele ano certo, dentro desse trabalho por causa do grupo de vocês, eu consegui o ano todinho trabalhar, porque não sou efetiva, então comecei a trabalhar, minhas colegas que estava comigo escutavam o que eu dizia, a gente a partir daí o que eu trazia da extensão, ajudou a escola Chico Xavier, talvez seja, por isso, também que quando foi no momento em que foi o meu grupo todinho 11 (onze) profissionais foram demitidos, pra poder entrar os oficiais, então desses eu não sei, eu acredito que foi também por causa disso que eu aprendi com vocês, eu trouxe conhecimento, sendo que, aquele conhecimento ajudou naquele momento, só que agora todo mundo já sabe (Risos), e aí, eu fiquei como uma de reserva lá, porque eu contribuir com a escola, a direção no caso, a gestão escolar reconheceu o meu trabalho, reconheceu até mesmo a prefeitura lá né, reconheceu eu e minhas colegas o ano passado que a gente trouxe foi bom pra escola, então, a extensão pra mim, é, é na questão de gestão de aprender, porque eu achava assim eu não preciso votar, eu não preciso da minha opinião quando tá todo mundo ali que são os efetivos, se eu que não sou efetiva para que dá minha opinião que não vai ser escutada né?;

Então, eu vi aí a Cursista nº3 como ela é bem batalhadora, eu vi outros outros meninos que agora esqueço o nome, que eu tô esquecendo, mas eu vi muito trabalho dentro desse, dessa extensão, de professores que dava suas opiniões, que mostravam como trabalhar e como contribuir com a escola, e aí eu vi dentro do trabalho da gente, como participar das políticas públicas, como é participar de uma escolha de um diretor, ou de ..., enfim vocês

sabem o que a gente fez, então a extensão ajudou e me ajudou a compreender que a direção, que quando eu vejo que a direção tá com problema é porque também às vezes eles não sabem como é que vai resolver a coisa, e diz: vocês professora é que tem autonomia, é nesse momento aí que o professor tem autonomia (risos), e aí a direção abriu esse espaço, a gestão mudou completamente, teve até um que morreu também que era bem, bem conservador, morreu com a covid, mas enfim todo mundo se respeitou e pra mim foi fundamental o que eu aprendi aí com vocês, terminando.

Cursista nº 3: Primeiro, é, eu esqueci de falar que sou também professora de Língua Portuguesa.

É quando a gente fala da contribuição do curso e todo mundo sabe que eu virei fanzoca né desse curso, foi uma das assim como de tantos outros que a gente é um grupo que a gente começou no início da pandemia né, que nos fortaleceu, eu acho que ali foi um pré-requisito pra que é uma gestão de fato democrática a partir do próprio grupo que estava realizando aquela é para mim formação mesmo né porque foi uma formação né que a gente estava fazendo nesse curso de extensão, então mesmo não compreendendo naquele momento o que, o que nós iríamos né de fato estudar, mas sabendo que já estava voltado para a educação popular me assustou um pouco, mas com o decorrer do desenvolvimento da gestão que ali estava, de como estava gerido, e todo mundo ali junto à parte técnica, percebia-se a que a gente iria galgar um caminho de uma educação transformadora. E eu digo que a contribuição né da FOGEP (Formação de Gestores em Educação Popular) e como ela ampliou o meu trabalho, o meu lugar de estar, foi inclusive o meu mestrado né, eu acho que uma das coisas que veio fortalecer foi esse caminho, a coragem de poder ir além do que a gente vivencia no dia a dia no espaço escolar e trazendo pra vocês né, que enquanto professora do sistema penitenciário, nós não tivemos contato com os nossos alunos né, diferente de outras escolas que tiveram acesso, a, a, mesmo com dificuldades, que a gente sabe que as desigualdades sociais, é, é, elas vieram, é, ficaram muito mais visibilizadas com essa pandemia, porque nem todo mundo tem acesso às tecnologias e a gente sabe que na escola pública né, nem todo mundo tem um telefone né, e se tem é dividido por muitos né, e nem todo mundo tem acesso a comprar um pacote né, então essa é outra discussão, imagina os meninos, os nossos alunos dentro dos espaços prisionais, então dizer que eu não tive contato, contato estou tendo, estou voltando agora né, pra essa realidade, mas dizer que a FOGEP, contribuiu sim, eu vejo hoje os espaços de educação e eu espero que dentro do sistema prisional, assim como nos outros espaços as pessoas que ali estão, elas, é que precisariam também estar de fato dentro de uma formação como essa, eu acho que os gestores eles precisam estar nesses espaços da academia, eu acho que o professor Marcos e entrevistadora e tantos outros que estão por aqui, eu acho que tem que estender esse curso, eu acho que tem que chamar os gestores, eles tem que pararem de achar que a escola é uma casa que eles ditam as ordens de forma e do jeito que eles querem, eu acho que a gestão democrática não é isso, acho que eles precisam ter essa compreensão, ela é muito mais do que isso, acho que é um processo de, de, de, de diálogo constante com a comunidade, com os pais, com a escola, de dentro para fora, de fora para dentro, junto com todos os gestores, junto com o próprio estado, junto com o próprio município, junto com, com, com o governo federal, eu acho que gestão é tudo isso junto, agora quando a gente parte para a parte local, eu acho que ainda existe muito a questão do poder, eu acho que o poder faz com que a educação ainda fique travada, acho que a gente precisa ainda, e a, a, o curso de extensão contribuiu muito pra um processo meu, de dentro para fora, hoje eu consigo dialogar com mais, com mais calma né, assim, com menos tenção, mas ainda falta muito pra gente alcançar de fato

dentro desses espaços que deveria ser democrático que é uma instituição pública uma gestão de fato, mas a contribuição comigo e

com quem estou dialogando, eu estou entendendo, eu tô passando para frente, tô falando do que eu aprendi, cabe a cada um agora desenvolver.

Cursista nº 4: Para mim, eu acredito que foi uma grande experiência, eu sou uma professora que eu venho da rede privada de ensino, então eu passei 24 (vinte e quatro) anos de minha vida dando aula a quem tem condição, a quem já tem um caminho praticamente traçado, e aí quando eu entrei na rede pública, embora quando eu ainda estava na universidade terminando o curso ou logo quando eu terminei o curso, eu trabalhei na zona rural porque eu sou de Patos, então trabalhei em Santa Gertrudes, dei aula a alunos da rede da zona rural, é, e trabalhei também em algumas escolas da rede pública tirando licença prêmio, eu não queria, eu não queria ser professora da rede pública, só que ao longo dos, quando eu fui chegando aos 20(vinte) anos da carreira na rede privada, eu fui observando que a um descarte do professor da rede privada quando ele vai chegando a uma certa idade, mesmo ele tendo experiência, entre tantas outras situações importantes, então antes que eu percebesse que eu poderia ser descartada, eu vi que eu poderia contribuir muito para quem estava na rede pública e aí alguns Coordenadores diziam assim: O que é que você vai fazer na rede pública, você é uma pessoa que tem gabarito, que tem, que, que é bem conceituada na rede privada, e eu disse eu quero oferecer a rede pública aquilo que ofereço a rede privada e aí eu passei no concurso e comecei a trabalhar e a partir desse momento que entrei na rede pública, e eu vi todas as dificuldades, todas as negações que são dadas a aquele aluno que busca rede pública, entendeu, é, falta de muitas situações e agora com a pandemia nós percebemos ainda mais que, que o aluno é número, que a escola vive de burocracia de papel, todo instante durante essa pandemia que eu levava para a escola uma, é uma sugestão, de fazer uma atividade, se levar mais alguma coisa, tentar levar algo que leve, que fizesse com que o aluno entendesse a importância dele ter o conhecimento, dele não se distanciar da escola, “não vai ser difícil, não a gente não conseguiu, não a busca ativa não foi capaz de trazer o aluno para a escola”, e nós fomos percebendo ao longo dessa situação é de estar na rede pública quanto esse curso ampliou nossa visão né, do que é estar na rede pública é trabalhar para o povo no sentido de que nós vamos trabalhar para a população que procura o serviço público, não é?; então nesse sentido foi nos ampliando cada vez mais, desmistificando, trazendo novos conceitos, principalmente para mim do que é ser um professor e estar na rede pública e tentar cada dia contribuir para que aquele jovem ele entenda a importância de ter conhecimento, de ter informação, de saber dos seus direitos, de saber de que, todo dia eu ligo na sala de aula gente se você não der pra escola o governo vai dizer assim precisa educar o povo não vamos fechar as escolas, eu cheguei a dizer isso aos meus alunos, a vamos fechar as escolas porque ninguém quer estudar né, e, e, e isso já é um reflexo desse curso que nós fizemos, de fazer com que a população, que a nossa população, os nossos estudantes, eles compreendam né, a importância de se estudar, eu imagino cursista pra você como foi trabalhar, porque eu acho assim, eu fui uma das primeiras professoras que tentei a aprender a dar aula pelo Meet, porque eu necessitava desse visual como o meu aluno, aí eu comecei desde o início de maio, já comecei dando aula para os meus alunos, imagino você que não teve nenhum acesso ao seu aluno, porque eu acredito que deve ter sido só papel, papel vai, papel vem não é, e como se comunicar com esse aluno de uma forma que ele compreenda, que ele tire suas dúvidas, que ele mostre os anseios, porquê da mesma forma que nós tivemos anseios diante desse momento de pandemia, quem estava dentro de uma prisão, também deve ter tido, nosso aluno que não teve contato nenhum com a escola, nem com o professor,

porque nós somos muitas vezes, essa, essa, esse escape para o aluno, que ele chega até nós e ele se abre, porque não é só é passar conhecimento, mas também viver a cidadania, viver é, é o lado social, não é, então, eu acredito que deve ter sido bastante difícil pra você, porque teve momentos que eu, eu, eu achei muito difícil perceber às vezes o aluno ia no privado e o aluno falava: “professora, eu não posso participar”; “professora, eu não estou compreendo, como é que a senhora pode tirar minha dúvida aqui” não é, então como é para os que chegaram até nós, e aqueles que não tiveram acesso nenhum, né, e nós que trabalhamos com ensino fundamental, né, quantas crianças dessas que nós trabalhamos é ficaram fora, ficaram mais excluídos, então toda essa questão de nós percebermos e entendemos melhor sobre a situação de trabalhar com a gestão popular a educação voltada para o popular, fez com que a gente percebesse a importância de também levar para o aluno, é, que ele tem esse espaço, é, que ele tem que utilizar de forma mais positiva para a vida dele esse espaço, né, então ampliou de todas as formas é trabalhar esse curso, é, nenhum conhecimento é irrelevante, e um curso como esse que nós fizemos voltado para entender o que é trabalhar com o povo, né, com o público, com o popular e fazer com que ele não se esqueça que ele tem a força, mas que ele para ter essa força, ele tem que ter um pouco de conhecimento sobre quem ele é?; o que é ser cidadão pelo menos?; isso aí é muito importante.

Cursista nº5: É só pra falar que o reflexo da FOGEP na questão da minha visão como gestão educacional, foi exatamente nessa humanização da gestão, porque principalmente durante a pandemia, porque estava muito acostumado com um tipo de visão escolar, principalmente na escola pública, como a professora acabou de informar, que era que o aluno de escola pública era um aluno sem competências, sem nenhuma perspectiva e a gente viu essas desigualdades muito mais pronunciadas durante a pandemia, por motivo de que nem recursos alguns dispunham, pra poder acompanhar a aula ou buscar material, quando a gente fala de alunos da zona rural, por exemplo, até em um buscar um material na escola ou acessar a internet é uma dificuldade, porque eles dependem de outras circunstâncias, não tem acesso à internet dependem do transporte que vai, que não diz respeito a eles, eles não têm acesso, então é complicadíssimo falar, é, penso que gestão educacional com uma coisa muito limitada e a FOGEP conseguiu abrir essa mente e também eu quero destacar a experiência do pessoal estava presente, sempre que era levantado algum tema que alguém que tinha conhecimento desse tema ou vivenciava conseguia passar a experiência dele, elencar situações, isso trazia, isso muito mais perto da gente, a gente ficava muito mais fácil de refletir sobre o próximo, então, nesse sentido, a FOGEP trouxe um olhar humanizador, diante da gestão educacional pra mim.

Entrevistadora: 3 – De que forma o curso de extensão (FOGEP) vem contribuindo para a sua participação no âmbito da gestão escolar?

Entrevistadora: Eu sei que Cursista nº5 não está mais na área mais vamos relacionando no tempo em que você ainda estava.

Cursista nº 5: Que no caso, eu saí da gestão escolar, por motivo de concurso, que eu passei numa área que é a fim a minha área de formação, mas não é em educação, só que hoje em dia, o que é que eu ainda convivo com relação a isso ou com relação gestão escolar, porque o órgão que eu estou, ele promove cursos também, então na minha função eu tento também está apresentando esses cursos, então, isso tenta me voltar o olhar pra qual curso eu vou tá atendendo, então foi uma das coisas que a FOGEP também consegui trazer pra mim é que tentar adaptar o que eu vou fazer pra o público que eu tenho, não adianta fazer uma coisa uniformizada, ver algo muito bonito que tem algum lugar e que não se aplica ao público que eu tenho, eu acho que isso dá pra subentender com relação

ao meu caso hoje em dia, com o órgão que promove cursos e também pra parte escolar mesmo, em escola, porque você vai ter o aluno de EJA, que tem vários tipos de EJA, tem EJA presencial, EJA semipresencial e você vai ver também o aluno do ensino regular, do ensino integral, então isso tem diferença, o seu público faz diferença, e a visão que a FOGEP me trouxe foi muito importante pra isso, adaptar o que eu vou fazer para o público que eu tenho.

Cursista nº 1: É, eu não sou gestora, como eu disse antes, então, é a experiência que ele me traz, é, enquanto gestora da minha sala de aula, infelizmente pra essa pergunta não tenho resposta então eu resposta.

Cursista nº 2: Bom, é deixa eu ver, a minha participação agora eu tô mais próxima da direção, antes eu sempre ficava mais distante, né, eu não queria muita aproximação, meia tímida e depois desse curso com vocês eu me abri mais, e aí me aproximei mais, houve uma aproximação da gestão comigo, por causa dos conhecimentos e até mesmo, eu me tornei mais, eu fiquei até com uma função diferente, agora eu sou mediadora, sendo mediadora eu estou em contato com pais de alunos, eu estou em contato com toda a parte dos funcionários, com professor, com equipe técnica, e a partir daí, ah, eu comecei, eu trabalho na mediação, há um problema, há uma dúvida e eu resolvo, agora, eu cada setor eu tenho como entrar nesses setores, falar com essas pessoas para diminuir a burocracia e facilitar para os alunos, trabalho até com a Samaia que eu chamo de Samara, mas é Samaia o filho dela é um aluno lá na escola e de vez em quando, a gente, estou dentro dessa mediação, então pra mim, foi fundamental a extensão, os conhecimentos, as dúvidas e até os meus medos ficou mais fácil de enfrentar e eu tô trabalhando bem, eu acredito que sim, tem uma mãe aí que pode me dizer, então foi através da extensão que eu, é consegui habilidades né e capacidade de trabalhar com a equipe técnica da escola e com a gestão e com os pais de alunos, através desse conhecimento que eu consegui através da, da extensão, pronto.

Cursista nº 3: Samaia essa pergunta, ela, eu não sei como, como, eu gostaria muito de responder e eu não sei se eu posso falar alguma coisa porque, porque é algo meio que tenso para falar.

Cursista nº 1: Lhe cortando, me desculpe, mas eu entendo o que você sente, porque o que eu sinto sabe, eu vou falar e comecei aqui está confidencial, eu espero que as outras pessoas que estão aqui não comentem essas falas né, é como se você, tudo que você aprendeu você não conseguisse viver, por que você isso não depende de você, depende de outras pessoas que estão ali, eu tenho sorte de trabalhar num lugar muito saudável certo, eu tenho uma gestão muito saudável, no entanto a gente tem um relacionamento bom, mas na questão de perguntar, de saber o que o professor tá precisando eu acho que nesse momento as coisas não caminharam como deveriam ter caminhado e assim eu fiquei muito triste com algumas coisas, inclusive eu sou uma das professoras que sou, a professora que faz elo de ligação entre as professoras e a gestão, porque o povo sabe que eu não tenho medo, eu não tenho medo de ninguém, eu só tenho medo de tiro e de faca e o resto, eu não tenho medo, então eu faço muito essa ligação e às vezes eu digo, é vamos chegar mais junto dos professores, eu conversei muito assistente social da escola esses dias e perguntei: “o que é que está acontecendo que você não chegam junto das pessoas né, dos professores?”, porque assim a gente passou por um momento muito difícil todo mundo, enquanto ser humano, enquanto profissional, completo com a fala de Cursista nº4 anterior que ela diz que ela trabalhou com o público e ela tem essa necessidade de trabalhar com esse público que ele não alcançava muitas vezes por

causa dos aparatos tecnológicos, tá entendendo, há, não conseguiam acessar a sala de aula de Cursista nº4, como os meus alunos não conseguiram acessar minha sala de aula e aí ninguém teve lá do meu lado perguntando o que é que está acontecendo e a primeira coisa que eu disse na reunião pedagógica do início do ano foi isso, vocês me deixaram assim (para pra pensar), e aí quando eu escuto essa, quando eu me escuto, eu sei que não fui sou eu, não foram só os professores da minha escola, foram professores de outras escolas, então isso é uma coisa muito ruim desse processo sabe, é ninguém veio escutar ninguém, e dentro da nossa própria unidade, a democracia e a escuta, ela ficou um pouquinho longe, mas, isso assim eu, é como eu disse, eu trabalho num ambiente saudável, eu gosto de onde eu trabalho, no entanto quando parte pra essa questão é um lugar onde a gente tem um relacionamento interpessoal maravilhoso, com os pais, com os alunos, com seus profissionais, mas a gente precisa ser escutado e olhe, é, a escola que eu trabalho, ela tem um corpo docente que ela faz inveja a qualquer escola que eu conheço, certo, e essas pessoas não foram escutadas e eu acho que isso é uma coisa eu já tenho 14 anos trabalhando em escola e eu sei que as pessoas que estão lá em cima, elas não escutam as pessoas muitas vezes, então isso eu acho que é uma inquietação de tudo que é professor, me desculpa cortar você, me desculpa.

Cursista nº 3: Esse encontro tá, não é não é mais nenhuma atividade, um grupo não viu Samaia, você nos trouxe aqui pra fazermos uma análise mesmo.

Cursista nº 1: Uma terapia

coletiva Cursista nº 3: É uma

terapia.

Então é, eu a eu vejo assim que a pergunta né, de forma a extensão contribuído para a sua participação na gestão escolar, eu acho que eu aprendi tanto que quando eu fui tentar contribuir, eu fui vetada, fui perseguida, vocês viram aí algumas cartas que eu botei e apoio que eu tive, porque, porque eu tentei fazer, o que deveria ser feito numa gestão democrática, escutar, e se me permite é bem rápido, Edgar Moram que é conhecido de vocês da pedagogia, ele diz aqui no seu quarto saberes né, que ele tem lá no quarto saberes dos 7 (sete) saberes que ele defende, né, e ele disse que esse daí é minha amiga ai Cursista nº 1 que estava falando, “é a compreensão interpessoal”, e ele vai trazer isso dizendo “que o mundo está cada vez mais devastado, pela incompreensão que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos”, então assim é a contribuição, eu fiquei um, eu fiquei é, é, guardada, sabe querida, é comigo mesma, e quando a gente aprende, quando a base aprende e reconhece o processo de conscientização do lugar que você estar, você vai levar esse pensamento crítico aos demais, e quando a gente fala desse pensamento crítico conscientizador, e ai Cursista nº4 traz aqui a questão da escola da escola particular, porque a gente sabe que a escola particular é um depósito de pessoas né, que é jogado esse conhecimento, mas não tem, não tem o mundo humano, não tem o mundo da interpretação, nós que somos da rede pública e nós que somos cidadãos e cidadãs né, a gente convive com essa afetividade e essa amorosidade que Paulo Freire traz, e não e não é quando a gente fala de, de, da questão da, da, da gestão, não é a morosidade apenas dentro de um grupo, por que você é gestão, a gestão ela, é muito pior, eu, eu, entendi viu Samaia que pode ser que eu esteja falando aqui de forma equivocada também né, mas o que eu trago da experiência da contribuição da, do, desse curso de extensão, foi o despertar popular para a, a, os demais daquele espaço tá, então quando o próprio Moram também eu peguei porque achei interessante é, é, ler um pouco dele, porque não sou formada em pedagogia, mas me identifico demais né, e trazendo Paulo

Freire e tudo que foi discutido dentro do grupo, dentro do grupo de extensão, foi a gente poder debater, escutar, eu tenho uma opinião, você pode me escutar, porque eu quero ajudar na tua gestão, onde eu estou, no lugar que eu estou, eu posso tá falando algo que vai te ajudar a melhorar o que você não vê no lugar que eu estou, porque é muito fácil você chegar numa gestão quem já foi aqui diretor eu não sei, eu nunca fui diretora de escola né, mas eu acredito que é como a nossa casa, quando você chega numa casa, que não tem nada dentro dela, você quer fazer com que aquela casa tenha um pouco seu, um olhar seu, mas você só vai colocar um sofá, um negócio, você vai perguntar ao seu companheiro, a sua companheira, a sua filha, você vai perguntando, porque quem está montando aquela casa que ele vai viver são muitas pessoas e pessoas diferentes gente, então assim, quando eu comecei a tentar contribuir que eu já venho tentando há muito tempo e não é uma gestão aberta, uma gestão democrática, e gestão democrática depois do curso, ela pra mim, ela, ela, o próprio nome do curso, ela já diz, é, é, tem uma extensão maior, então assim é a partir do momento que eu sou é, é, questionada dentro de uma reunião né online que a minha fala não é o que eu, o que eu pratico, que eu, eu, falo sobre direitos humanos, sobre educação popular, que eu falo sobre mulher, que eu falo sobre gênero e isso eu fujo dos conteúdos propostos, alguma coisa está errada nessa escola, né, então assim, o que eu, o que eu aprendi e o que eu, o que eu convivi a minha experiência junto com essas belezuras que estão aqui nessa telinha é, é, o que é a FOGEP, é o que eu curso me propôs, essa troca de experiências, a vivência dessa escuta né, essa extensão do processo de conscientização para além da escola né, para que chegue até ao, ao discutir a questão de saneamento básico, a saúde, a moradia né, as próprias associações, esses espaços que, que a gente tem dentro da nossa comunidade, também é gestão escolar né, por isso, que no dia que a gestão for escolhida pela sua comunidade conscientizadora, nós vamos mudar muito sobre esse processo de transformação educacional que o curso da extensão trouxe para minha pessoa e tenho certeza que para as outras também, a contribuição foi tão boa que exagerou no meu espaço escolar, é isso.

Cursista nº 4: É eu também nunca estive assim, nem coordenação, nem em gestão de escola, mas eu vou dizer como Cursista nº 1, eu não sei ficar calada, então é o único poder que eu tenho é a minha voz, (risos), nós temos que pensar pelo menos pra responder diante das situações, é isso que nós enxergamos como inadequadas para a situação e tentar trazer, porque eu lembro que há umas 2 (duas) semanas, eu mandei um recadinho para a diretora, dizendo o seguinte: “olha, estou muito satisfeita, porque é uma gestão nova, claro não conhece nem a comunidade direito, mas eu disse, estou muito satisfeita porque o que mais nos atormentava na gestão anterior é porque nós estávamos trabalhando e agora com o ensino presencial sozinhos, porque não tem um diretor às 7:00 (sete) horas da manhã na escola, só professores, então eu fui desse, ou seja, eu tentei mostrar, a escola a gente quem assume, quem se disponha a assumir uma gestão, tem que compreender que ela agora toma conta de uma comunidade, não é um cargo burocrático apenas né, mas então, eu estou me sentindo abandonada, nós voltamos para o ensino presencial, estou me sentindo abandonada, porque eu estou a uma semana nessa escola e eu ainda não vi nenhuma diretora chegar às 7:00 (sete) horas da manhã, chega às 11:00 (onze) horas, quando eu estou saindo, então eu não tenho condição, há, mas você sabe a gente, a gente trabalha, não tem como a gente ficar manhã, tarde e noite, eu não sei, mas uma gestora tem que estar às 07:00 (sete) horas certa manhã para receber o aluno, receber a mãe do aluno, vocês não estão só para a parte burocrática, vocês estão para a comunidade, para nós professores ou professores olharmos para vocês e sentirmos a força que nós estamos necessitando, porque nós estamos na sala de aula, sem nenhuma segurança, entendeu, sem nenhuma segurança, sem nenhum amparo, porque nós ficamos realmente como, Cursista nº1 e vocês colocaram, é, é muita cobrança, relatório

quinzenal, ainda não mandaram, assim não tá certo e cadê a frequência e cadê o plano de aula, é muita burocracia, e, e a escola ela não precisa neste momento dessa burocracia, mas nós sabemos que são números e números são verbas né, números são verbas e é isso que o poder ver, mas o aluno perceber lá, sentar lá e dizer qual projeto que nós podemos fazer nesse retorno às aulas, não houve, qual tipo de, de, de atividade que nós podemos fazer para fazer com que, se hoje vieram 04 (quatro), amanhã vier os 15(quinze) que tem que vir, nunca a pedagógica, também eu, eu, abri o verbo disse: “olha estou falando pra você, gostaria de ter falado olhando na sua, no seu rosto, mas infelizmente você não estava na escola e já está aqui(gesticulou como se estivesse com o nó na garganta), então está devendo a parte pedagógica e uma escola não se faz de papel, né verdade gente?, porque nós trabalhamos durante 2 (dois) anos sem papel praticamente em algumas situações e escola não se faz de papel.

Cursista nº3: A Cursista nº 4 e o que é interessante é nessa, nessa sua fala que a gente tá trazendo aqui, termina amadurecendo né.

É tanto documento que é essa coisa, o ser humano ele passa a ser um número, esse número não tá sendo notado durante essa pandemia, e nem foi notado antes, é aquilo que eu falei no começo a questão da desigualdade social é muito intensa, porque hoje nós estamos vivendo fome, os nossos jovens tinha a necessidade de alimentação e a gente sabe disso, a situação hoje é pior, então assim, ainda tem diretores de escola que acha que o que vale é que o professor estabeleça a quantidade de alunos que teve, porque a gente sabe que as verbas que vem dependem também disso, mas a questão do valor humano e autonomia também desse professor que também não é visto porque gente eu perdi professores fantásticos, durante essa pandemia, olhe na minha escola, a escola voltou, aí o diretor mandou ir pra dentro dos presídios e aí eu escrevi um texto bem bonito e botei lá, como assim, eu não tô entendendo, não tem planejamento e a estrutura de lá, porque os presídios e Samaia tá aqui, sabe muito bem, nós não temos estrutura, se a escola fora não tá tendo estrutura, imagina nos presídios, aí eu perguntei, eu perguntei, fiz uma fala bem bonitinha né, mas a minha fala já é meio impactante de qualquer jeito, (falaram ao mesmo tempo) é igual a Silvio Santos (falaram ao mesmo tempo), trazendo porque as pessoas Cursista nº4 , os gestores, eu não sei, eles não veem o ser, o ser, como humano.

Cursista nº 4: A acolhida, falta a acolhida gente, a afetividade.

Cursista nº 3: Como é que nós vamos, nós somos pessoas, nós somos um ser e além de ser, ser, nós somos pessoas humanas e nós temos que ser, é, vistos e revistos e escutados para planejar o que nós vamos fazer coletivamente, agora nós mandar, vai lá e faz , não minha amiga calma lá, eu não sou, eu não sou, eu não sou a diretora, eu não sou o coordenador pedagógico, eu não sou o técnico e eu não sou o apoio, sabendo que nós somos todo, todo, todo mundo sabe muito bem que o professor é tudo isso, ele é o resolutivo , e o curso e eu vou até dizer ao professor Marcos, eu acho que esse curso dele ele nos ensinou demais,.

Cursista nº 4: É, se a gente já tem a língua solta, soltou mais.

É, é, eu não sei se está sendo gravado por um e-mail institucional ou se é um particular, porque for institucional está livre viu gente, se for um email institucional o Meet , ele não só tem 1 hora não, eu dou aula de 2 horas seguidas

Cursista nº 2: Só na questão assim o que eu observei das 2 (duas) outras meninas falando no grupo eu aprendi o silêncio, nunca exerci tanto o direito do silêncio como esse ano,

fico escutando o que cada um diz aprendi aí com vocês, eu fico olhando e dentro da palavra de cada uma, aí eu fico analisando: “Será que ela está certa?”, eu tô exercendo o direito agora do silêncio e da análise. (risos).

Cursista nº 1: Não é o direito do silêncio não, é a escuta, é a

escuta, Cursista nº 2: Ah! É a escuta.

Cursista nº 1: Você está exercendo uma escuta. Agora diferente de Cursista nº3, eu tenho um ambiente que eu posso falar sobre de gênero, de feminismo, do que eu quiser que não vai ter ninguém da gestão, sabe, pra colocar o dedo e dizer você está errado, inclusive teve uma situação lá da escola que uma professora fez uma aula e aí ela falava que: “existia uma criança que tinha duas mães” e aí uma outra mãe das crianças dela, chegou para reclamar, por que ela estava ensinando gênero na escola, gênero, menina, ela foi reclamar com o diretor, eu fiquei com pena dela, aqui olhe todas as professoras ensina, esse tipo de coisa, que é pra, se você vê o discurso dele é maravilhoso, eu falo que a gente teve esse problema de gestão, mas foi o problema com o professor, certo, mas, enquanto gestor para com os alunos, ele é muito, eu não sei qual é a palavra que eu posso usar, mas ele é muito correto nisso, e assim, o professor lá na escola ele tem livre cátedra, então ele pode dar a aula dele e ele pode falar do assunto que quiser, porque ninguém vai interferir e quando vem um pai ou uma mãe, ele sempre estar do lado da gente, quando vão reclamar, aí, é porque estão ensinando o menino, chegou a mãe né, estão ensinando ao menino que família sapatão é normal, aí pra completar, ele disse: “até parece que isso aqui na comunidade não tem, aí encerrou o assunto, ele diz que lá na escola, foi onde surgiu o primeiro casal lésbico da educação de João Pessoa, que eram duas merendeiras, as duas eram merendeiras e quando elas saiam, saiam de mãos dadas e tal, bem normal e isso foi aqui nessa escola que começou isso na educação, então esse problema que as pessoas encontram pra falar desses assuntos que são tão polêmicos em relação a sociedade, eu não tenho.